

A cultura na rádio pública portuguesa e as obrigações do serviço público

João Filipe Matos Dias Reis Torgal

Relatório de Estágio de Mestrado em Jornalismo

Abril de 2012

Relatório de Estágio apresentado para cumprimento dos requisitos
necessários à obtenção do grau de Mestre em Jornalismo,
realizado sob a orientação científica do Professor Pedro Coelho

Agradecimentos

- aos profissionais da RTP, nomeadamente ao Jorge Correia e às equipas da cultura, da tarde e da manhã 1, por aquilo que me ensinaram, pelo espírito aberto com que me receberam e pela confiança nas minhas capacidades.

- ao meu orientador científico, Pedro Coelho, pela forma dedicada e minuciosa com que leu e contribuiu para a melhoria deste relatório.

- aos “bravos e indomáveis” da turma de mestrado, nomeadamente à Catarina Benedito, à Cátia Rodrigues, à Rita Oliveira, à Sofia Tulha, ao Tiago Oliveira e ao Tiago Carvalho.

- à Rádio Universidade de Coimbra (RUC), sem a qual eu nunca teria realizado este mestrado.

- aos meus colegas da Academia RTP, pela paciência com que me aturaram no período de escrita do relatório (um verdadeiro contra-relógio).

- a todas as pessoas mais próximas, sempre importantes em todas as horas.

A cultura na rádio pública portuguesa e as obrigações do serviço público

[Culture in the Portuguese public radio and public service obligations]

João Filipe Torgal

RESUMO

[ABSTRACT]

PALAVRAS-CHAVE: Estágio, Jornalismo, Rádio, Serviço Público, Cultura, Antena 1.

No âmbito do Mestrado em Jornalismo, este relatório é uma panorâmica geral do que foram os três meses de estágio no departamento de informação da rádio pública portuguesa. Por um lado, efectua uma descrição do que foi esta experiência, situada entre a observação, a progressiva integração nas tarefas jornalísticas e uma acção mais autónoma. Por outro, a partir da exposição prática, parte para uma reflexão sobre algumas problemáticas surgidas durante o estágio, com particular ênfase na cobertura cultural da rádio pública, analisando conteúdos, meios e métodos e projectando o futuro.

KEYWORDS: Internship, Journalism, Radio, Public Broadcast, Culture, Antena 1.

In the framework of the Master of Journalism, this report is an overview of what was the three-month internship in information's department of portuguese public radio. On the one hand, it makes a description of what was this experience, somewhere between the observation, the progressive integration in the journalistic duties and a more autonomous action. On the other hand, from the practical exposure, it reflects on some issues that emerged during the internship, with particular emphasis on public radio's cultural coverage, analyzing content, resources and methods and projecting the future.

ÍNDICE

Introdução	1
Capítulo I: A instituição e a estrutura do estágio	3
I. 1. Breve história da instituição de acolhimento	3
I. 2. A rádio pública portuguesa na actualidade	4
2.1 Os canais do serviço público de rádio	4
2.2 A informação na Antena 1	5
2.3 Produção de conteúdos centralizada em Lisboa.....	6
2.4 Que futuro para o serviço público?.....	6
I. 3. A recepção e a estrutura geral do estágio	7
3.1 A preparação para o estágio	7
3.2 O primeiro contacto com a RTP	8
3.3 Um estágio tripartido.....	9
3.4 Autonomia e responsabilidade reguladas	10
3.5 O constrangimento da ausência de locução.....	10
Capítulo II: A cobertura cultural na rádio pública.....	12
II. 1. A experiência na cultura.....	12
1.1 A integração inicial	12
1.2 As tarefas autónomas	13
1.3 A continuidade na cultura	14
II. 2. Os conteúdos culturais	16
2.1 Espaços culturais na rádio pública.....	16
2.2 A diversidade de conteúdos e os critérios de escolha	17
2.3 Cultura, serviço público e concorrência	19
II. 3. Os meios humanos da editoria de cultura	21

3.1 As limitações da equipa da cultura	21
3.2 Centralização geográfica da rádio pública: falta de visão ou de meios?	22
3.3 Uma perspectiva mais global: desinvestimento na cultura e na informação local	23
II. 4. Os métodos na cobertura cultural	26
4.1 Cobertura no local e à distância: ambiente vs. telefone	26
4.2 Antevisão, reportagem e crítica	26
4.3 As pressões da indústria cultural.....	28
II. 5. Jornalismo cultural na rádio pública: que futuro?	30
Capítulo III: A restante experiência na Antena 1: práticas, observações e reflexões	33
III. 1. A experiência no turno da tarde	33
1.1 Os constrangimentos do tempo.....	33
1.2 O poder e a qualidade do som.....	34
1.3 Técnica vs. conteúdo: a internet e o <i>background</i> informativo	35
1.4 A importância da reportagem.....	36
III. 2. A experiência no turno da manhã 1	38
2.1 O planeamento, a falta de meios e as limitações na recolha de sons	38
2.2 Benefícios e constrangimentos da pesquisa na internet	40
2.3 O uso dos jornais, das rádios concorrentes e da blogosfera enquanto ponto de partida	42
III. 3. As experiências paralelas	43
Conclusão.....	45
Bibliografia	49

Anexo 1 – Listagem dos conteúdos de cultura	i
Anexo 2 – Listagem dos restantes conteúdos do portefólio.....	iv
Anexo 3 – Esqueleto de algumas peças	vi

Introdução

“A rádio está na posse não só do maior estímulo que o Homem conhece, a música, a harmonia e o ritmo, como também é capaz de oferecer uma descrição da realidade através de sons e com o maior e mais abstracto meio de divulgação de que o Homem é dono: a palavra.”¹

Inserido no Mestrado em Jornalismo, este relatório pretende fazer um balanço descritivo do que foi o estágio na Antena 1 e, a partir da experiência prática, observar, problematizar e reflectir sobre algumas questões teóricas, principalmente ao nível do jornalismo cultural.

De acordo com o plano de estudos do mestrado, trata-se de um estágio curricular, com duração de três ou seis meses (dependendo do local), num meio de comunicação à escolha. Dada a paixão pela rádio, conquistada ao longo de quatro anos de experiência na RUC (Rádio Universidade de Coimbra), com produção de conteúdos de programação e informação muito diferentes e desafiantes, a escolha desta plataforma foi óbvia. Aliás, são vários os casos de pessoas que, tendo passado pela RUC, enveredaram pelo mundo da comunicação e são hoje jornalistas ou animadores profissionais do universo radiofónico. A opção pela Antena 1 derivou do prestígio informativo (sem que isto seja uma desvalorização das outras rádios com uma índole noticiosa mais forte, no caso a Rádio Renascença e principalmente a TSF) e da vontade de explorar mais de perto e de reflectir sobre o acompanhamento cultural prestado pelo serviço público de rádio.

Em termos de estrutura, para além da conclusão final, o relatório irá conter três capítulos.

No capítulo I, identificarei a instituição de acolhimento e farei um breve registo histórico da rádio pública, destacando a integração entretanto concretizada no universo mais amplo da RTP. Para além disto, descreverei, em traços gerais, a preparação, o acolhimento e a estrutura do estágio.

¹ Arnheim, Rudolf. *Estética Radiofónica*. 1980: 16 [in Canavilhas, 2004, 4].

O capítulo II será o eixo central do relatório. Nele começarei por descrever a minha experiência na editoria de cultura para, a partir daí, fazer uma análise mais sistematizada e aprofundada sobre esse sector nas Antenas 1, 2 e 3, agregando, por um lado, opiniões próprias fundamentadas, baseadas na observação e no contacto activo com a realidade, e a posição da editora de cultura, Helena Esteves, e do então director-adjunto, Ricardo Alexandre. Por outro lado, serão incluídos alguns contributos bibliográficos teóricos que façam um estudo mais vasto do jornalismo cultural, dos constrangimentos e desafios presentes na actualidade e da sua aplicação à realidade portuguesa e, em particular, à rádio pública. Factores como os meios disponíveis na editoria de cultura, as opções internas, as pressões de instituições externas ou a abrangência de conteúdos e de temáticas serão problematizados com o devido cuidado.

Finalmente, no capítulo III, farei uma apresentação pormenorizada da restante actividade efectuada no estágio. A natureza, os métodos de concretização e a responsabilidade nos trabalhos observados e desenvolvidos ou a reflexão sobre algumas questões surgidas durante os turnos da manhã 1 ou da tarde, nomeadamente sobre a especificidade do jornalista da actualidade face à evolução digital, estarão em destaque neste ponto.

Por fim, a conclusão fará uma súmula da informação apresentada no relatório e um balanço do próprio estágio. Para que o trabalho efectuado durante os três meses não tenha uma importância residual neste momento, tentarei demonstrar o carácter enriquecedor da experiência e o sucesso desta minha passagem pela rádio pública. Apesar de não ser totalmente imparcial, pois este relato é feito naturalmente pelo meu ponto de vista, será globalmente uma tentativa de tornar mais forte a ponte entre a actividade do estágio e o lado académico na defesa deste relatório.

Cap. I - A instituição e a estrutura do estágio

1. Breve história da instituição de acolhimento

Cerca de três décadas depois da primeira emissão mundial de longa distância², a transmissão radiofónica só chegou a Portugal na década de 30 do século passado [fonte: Pacheco, 2010: 37, 38]. A Emissora Nacional, nome como na altura se intitulava a estação pública de rádio, estreou-se nas colónias em 1934, no território continental um ano mais tarde e nas regiões autónomas nas décadas seguintes (40 nos Açores e 60 na Madeira). Estávamos em pleno regime salazarista e a rádio “era um aparelho técnico e discursivo ao serviço dos interesses de poder e um instrumento para a legitimação da ditadura” [Cordeiro, 2004: 2].

Com as mudanças verificadas com o 25 de Abril de 1974, a Emissora Nacional foi ocupada pelos militares, transformando-se posteriormente em RDP (Rádio Difusão Portuguesa). Na altura, a rádio pública era apenas constituída por um canal que, a partir de 1981, viria a ter a designação de Antena 1.

O primeiro alargamento da RDP sucede no final da década de 80, com a criação da RDP Internacional em 1988 e, um ano mais tarde, com o aparecimento da Antena 2. Em meados dos anos 90, a rádio pública sofre mais um forte impulso, com a RDP África e a Antena 3, ao mesmo tempo que, do ponto de vista financeiro, se transforma numa sociedade anónima de capitais públicos.

Já em pleno século XXI, após um processo provisório de aglomeração de todos os meios de comunicação estatais numa instituição entretanto extinta, a Portugal Global, SGPS (que incluiu também a Agência Lusa), ocorre a definitiva reestruturação da rádio e da televisão públicas. Assim, em 2004, ocorre a fusão entre a RDP e a Radiotelevisão de Portugal, unidas numa única empresa, a RTP, com a nova designação de Rádio e Televisão de Portugal. Entre os objectivos para esta mudança, estavam uma gestão financeira mais eficaz, um melhor aproveitamento de recursos humanos, materiais técnicos e serviços e uma melhor rentabilização de alguns conteúdos programáticos.

² Efectuada pelo canadiano Reginald Aubrey Fessenden, em 1906, tendo como ouvintes os operadores de telégrafo de barcos de Brant Rock, Massachussets, Estados Unidos [fonte: Pacheco, 2010: 13].

2. A rádio pública portuguesa na actualidade

2.1 Os canais do serviço público de rádio

De forma sistémica, a radiodifusão pública pode ser dividida em três tipos de estações [fonte: www.rtp.pt/radio, site da RTP, consultado em Março de 2012]: as nacionais, as que têm um horizonte geográfico definido e as rádios exclusivamente online³.

No que se refere às rádios nacionais, existem três canais: a Antena 1, com uma vertente mais generalista, alternando uma programação musical muito assente na música portuguesa com um teor informativo forte, a Antena 2, uma estação mais direccionada para uma vertente cultural e para a música erudita, e a Antena 3, destinada a um público mais jovem, com uma linguagem mais informal e algum espaço para programas de autor de divulgação musical (electrónica, metal, folk ou rock).

Existem também as rádios geograficamente delimitadas, a começar pelas dirigidas às regiões autónomas: a Antena 1 Açores, a Antena 1 Madeira e a Antena 3 Madeira, combinando alguns programas das estações nacionais com conteúdos próprios. Depois, há os dois canais com maior incidência no estrangeiro. Um deles é a RDP África, com emissão para os países de língua oficial portuguesa, Lisboa, Coimbra e Faro, combinando música essencialmente lusófona com uma cobertura noticiosa com duplo objectivo, “dirigindo para África informação portuguesa, do mundo e da comunidade africana que reside em Portugal e trazendo para Portugal uma larga informação africana” [www.rtp.pt/canais-radio/rdpafrica/perfil.php?canal=4, site da RTP, consultado em Março de 2012]. O outro é a RDP Internacional, uma rádio generalista, com conteúdos específicos para as comunidades portuguesas espalhadas pelo globo e que, assim, “pretende ser o grande elo de ligação dos portugueses no Mundo” [www.rtp.pt/canais-radio/rdpi/perfil.php?canal=5, site da RTP, consultado em Março de 2012].

Finalmente, existe um conjunto relativamente vasto de canais temáticos *online*, com destaque maioritário para os que se destinam à divulgação de géneros musicais específicos, como sucede com a Antena 3 Dance, a Antena 3 Rock, a Antena 1 Fado, a Antena 2 Ópera ou a Rádio Vivace. Depois, existe ainda a Rádio Lusitânia, destinada à

³ Dado que, no mundo digital, todas têm transmissão online.

promoção da memória musical portuguesa e, fora da música, a Antena 1 Vida, focada em aspectos de natureza social, saúde ou ambiente, ou a efémera G12, com conteúdos sobre Guimarães 2012, Capital Europeia da Cultura.

2.2 A informação na Antena 1

Focando-me nos canais nacionais, com os quais contactei de perto, grande parte da informação existe na Antena 1, resumindo-se as Antenas 2 e 3 a noticiários mais curtos e com menos meios, embora em estreita colaboração com a equipa do canal generalista. No primeiro canal, no que se refere à preparação dos noticiários dos dias úteis, há uma estrutura dividida em cinco turnos: manhã 1 (noticiários das 7h às 10h e sínteses às meias-horas), manhã 2 (síntese às 11h e noticiários das 12h às 15h), tarde (16h às 20h e sínteses às meias-horas), noite (21h à 1h) e madrugada (2h às 6h). No fim-de-semana, existem também noticiários de hora a hora, mas produzidos por equipas bem mais reduzidas⁴. O desporto tem direito a espaços próprios, com sínteses todas as meias-horas dos turnos da manhã 1 e da tarde e noticiários às 12:30h, 18:30h e 22:30h.

Para além dos noticiários, a cobertura informativa do primeiro canal da rádio pública é muito mais alargada. Logo no programa da manhã, existem diversas rubricas, como *Portugueses no Mundo* (breve entrevista a um emigrante português), *Conselho Superior* (espaço de opinião política), *Contas do Dia* (análise económica), *Guarda-Redes* (análise das redes sociais e de outras ferramentas de transferência de informação digital), *Índice A1* (informação sobre a bolsa), ou *Guimarães num instante* (dedicada à capital europeia da cultura), para além da revista de imprensa (nacional e internacional) e espaço próprio para reportagens e entrevistas. Existem ainda outras rubricas informativas diárias, como *Casa das Artes* (de divulgação cultural)⁵, *À Volta dos Livros* (literatura) ou *A1 Ciência* (análise científica).

Para além dos pequenos momentos referidos anteriormente, existem ainda espaços mais alargados de informação diária, como *Antena Aberta* (análise de um tema e espaço de interacção com os ouvintes) ou *Portugal em Directo* (informação regional). Por fim, há ainda programas semanais de informação, como *Este Sábado* (com espaço para uma entrevista alargada e uma reportagem), *Visão Global* (sobre a realidade

⁴ Durante a semana, as equipas dos turnos da Manhã1, Manhã2 e Tarde têm cerca de seis a oito pessoas, enquanto ao fim-de-semana a equipa reduz-se a três elementos.

⁵ A análise da oferta informativa na área da cultura será aprofundada no capítulo III deste relatório.

internacional), *Cinemax* (dedicado à sétima arte), *Os Dias do Futuro* (programa de ciência), *O Esplendor de Portugal* (o olhar de Portugal visto a partir de estrangeiros a viver no nosso país) ou *Entrevista com Maria Flor Pedroso* (entrevista de teor político, realizada precisamente pela editora de política da estação). O desporto tem também outros espaços próprios, como a tarde desportiva (ao Domingo), que faz o acompanhamento dos principais acontecimentos do sector, com destaque claro para o futebol português, mas sem esquecer o futebol internacional e as outras modalidades.

2.3 Produção de conteúdos centralizada em Lisboa

A inequívoca maioria dos conteúdos produzidos é monitorizada a partir de Lisboa. Assim, grande parte da responsabilidade pela rádio, televisão e online da RTP está na sede da Avenida Marechal Gomes da Costa, local onde decorreu o estágio

Em termos radiofónicos, todos os turnos, com excepção do da noite, estão sediados em Lisboa, com a colaboração de alguns jornalistas do Porto e, sempre que necessário, dos outros centros regionais. Os responsáveis por áreas temáticas como política, economia, cultura, saúde, educação, ambiente, justiça ou segurança são jornalistas em Lisboa, enquanto a informação desportiva divide-se pelas duas principais cidades.

Assim, este estágio permitiu-me ter um contacto muito vasto com grande parte do espectro de acção da rádio pública. Nuns casos, foi um contacto mais directo, nomeadamente nas áreas em que trabalhei. Nos restantes sectores, tive um contacto bem mais superficial, mas permitiu-me observar alguns métodos de funcionamento. Por exemplo, pela existência constante de sessões parlamentares e outras iniciativas de terreno, confirmei como a política nacional é uma cobertura essencialmente de exterior, com pouca passagem dos respectivos jornalistas pela redacção.

2.4 Que futuro para o serviço público?

Hoje vivem-se dias de instabilidade no serviço público de rádio e televisão. As notícias sobre a privatização de um canal⁶, as conclusões polémicas do grupo de

⁶ Ver http://sol.sapo.pt/inicio/Politica/Interior.aspx?content_id=37011, site do jornal *Sol*, consultado em Abril de 2012.

trabalho liderado por João Duque⁷, os cortes no financiamento⁸ e a necessidade de dispensar algum pessoal⁹ criaram um desconforto evidente nos jornalistas da Rádio e Televisão Portuguesa. Assim, o futuro é bastante imprevisível no que pode a empresa ser no futuro, quer do ponto de vista das plataformas em que vai operar, quer nos meios que terá para o fazer.

Em qualquer dos casos, importa que os princípios basilares do Contrato de Concessão do Serviço Público de Radiodifusão Sonora¹⁰, assinado em 1999, sejam efectivamente cumpridos. Assim, de acordo com a cláusula 4ª do mesmo documento, a rádio pública deve ser “de referência”, com uma informação plural, rigorosa e imparcial e “uma programação agregadora”, que “combata todas as formas de exclusão”, que promova a criação artística e o património histórico nacionais, que difunda a língua e a cultura portuguesa e que seja “tecnologicamente avançada”. Estas ideias foram reiteradas e desenvolvidas em 2001¹¹ e em 2010¹², nas respectivas leis da rádio.

3. A recepção e a estrutura geral do estágio

3.1 A preparação para o estágio

Meses antes do estágio na Antena 1, efectuei um curso de informação na Rádio Universidade de Coimbra. Por um lado, porque não era licenciado em Jornalismo (a minha formação base era em Matemática) e, em apenas um ano curricular de Mestrado, a aprendizagem e a experiência radiofónicas seriam inevitavelmente curtas¹³. Por outro,

⁷ Entre as medidas propostas, o relatório defende “o fim da publicidade comercial”, “noticiários curtos, limitados ao essencial”, “um só canal de televisão em sinal aberto” e o fim da RTP Informação e considera “desproporcionada a existência de três canais de rádio nacionais do Estado”.

⁸ Ver <http://visao.sapo.pt/media-subsidio-estal-a-rtp-desce-para-metade-e-passa-para-150-milhoes=f629455m>, site da revista *Visão*, consultado em Abril de 2012.

⁹ Ver http://www.dn.pt/inicio/tv/interior.aspx?content_id=2054665&seccao=Televis%E3o, site do *Diário de Notícias*, consultado em Abril de 2012.

¹⁰ Disponível em http://img.rtp.pt/wportal/grupo/governodasociedade/pdf/ccspradio_30junho1999.pdf, site da RTP, consultado em Março de 2012.

¹¹ Disponível em http://www.aacs.pt/legislacao/lei_4_2001.htm, site da já extinta Alta Autoridade para a Comunicação Social, consultado em Março de 2012.

¹² Disponível em <http://dre.pt/pdf1sdip/2010/12/24800/0590305918.pdf>, site do *Diário da República*, consultado em Março de 2012.

¹³ Consiste apenas numa parte da disciplina Novas Narrativas dos Media, dedicada à reportagem.

porque, apesar de ter experiência em rádio, as tarefas na programação e na informação são completamente distintas, pelo que as vantagens que tinha até aí resumiam-se ao “à vontade” em frente ao microfone e a alguma destreza técnica de edição, mas aplicada a um contexto bastante diferente. Para além do mais, a realização de cursos na RUC permite não só a formação, mas também, depois de adquiridas algumas competências, a realização de conteúdos para antena, com espaço para experimentar, aprender com os erros e evoluir. Uma oportunidade que me permitiu construir de forma progressivamente mais rápida e eficaz os meus trabalhos jornalísticos para rádio, como peças, entrevistas, reportagens, directos, sínteses e, por fim, edição de noticiários.

Para além da experiência prática referida, outra decisão tomada foi, no mês que antecedeu o início do estágio, ter um contacto exaustivo com a Antena 1 enquanto ouvinte. Do ponto de vista informativo, apesar de valorizar bastante a TSF, o serviço público era já o meu veículo prioritário de informação radiofónica em termos de noticiários. Contudo, o que fiz foi mais profundo, aproveitando o formato digital para ouvir algumas emissões da maior parte das rubricas e dos programas da estação. Embora acabasse por não ter qualquer contacto prático com muitos dos conteúdos que ouvi, julgo que foi bastante útil para ter um conhecimento mais alargado da realidade da Antena 1 e absorver algumas questões de estilo que facilitaram bastante a minha integração.

Finalmente, tentei saber antecipadamente qual o programa de edição de som usado, para contactar com ele antes do início do estágio. Contudo, apesar de não ter conseguido obtê-lo, foi-me transmitido que, dominando a edição no *Audacity* e no *Adobe Audition*, a aprendizagem seria muito intuitiva, o que acabou por se confirmar.

3.2 O primeiro contacto com a RTP

O primeiro dia na RTP foi a 3 de Outubro de 2011. Depois da passagem pelos recursos humanos, para tratar de alguns pormenores burocráticos, a recepção do departamento de informação aos estagiários foi da responsabilidade daquele que viria a ser o nosso orientador: o jornalista e editor de saúde, Jorge Correia. Depois das apresentações pessoais, em que descrevemos sucintamente o nosso percurso formativo e o nosso contacto anterior com o jornalismo e com o meio radiofónico, foram-nos apresentadas as instalações da Antena1.

Existe uma redacção em *open space*, onde muitos jornalistas fazem trabalho preparatório e onde decorrem algumas reuniões de planeamento. Como este espaço é num andar acima dos estúdios radiofónicos, criou-se aquilo a que se chama a “redacção avançada”, um espaço junto ao estúdio de emissão da Antena 1, em que trabalham os respectivos jornalistas durante os turnos, agilizando o processo de produção jornalística. Entre estúdios principais da Antena 1, 2 e 3, RDP África e RDP Internacional e estúdios de gravação, são cerca de trinta os espaços de edição e produção radiofónica. Em dois desses estúdios, exclusivamente destinados a gravação de voz e de chamadas telefónicas, decorreu uma boa parte da minha tarefa enquanto estagiário. Nesse contexto, recebemos uma breve explicação de como proceder para realizar esse tipo de tarefas, que seriam efectuadas quer enquanto contributos práticos para a antena, quer para dar voz a peças virtuais para um futuro portfólio pessoal.

3.3 Um estágio tripartido

Nesta fase inicial, fomos ainda colocados em equipas de trabalho. A opção surgiu articulando a nossa vontade com o que se sentiu serem boas opções para a nossa experiência de estagiários. O meu desejo forte de trabalhar na cultura foi aceite e fui então integrado na respectiva editoria temática.

Inicialmente, o meu objectivo era ficar os três meses na cultura, mas, salvo algum impedimento pessoal extremo, a política de estágios na rádio pública em Lisboa passa por fazer os estagiários rodar por três sectores diferentes, um por cada mês. Foi assim que acabei por ingressar, nos meses de Novembro e Dezembro, respectivamente nos turnos da tarde e da manhã 1. Na realidade, ainda bem que assim foi. Não só porque me permitiu experimentar registos muito diferentes e testar a minha versatilidade, como foi possível, em *part-time*, sempre que tive disponibilidade, continuar a fazer pequenas coisas para a editoria de cultura¹⁴

Apesar de sermos três estagiários em simultâneo e já nos conhecermos (mestrandos da Universidade Nova de Lisboa), o contacto que estabelecemos foi muito

¹⁴ Todo esse percurso será explicado de forma mais aprofundada nos capítulos seguintes.

curto. Como os percursos foram praticamente disjuntos¹⁵, a nossa colaboração acabou por ser apenas pontual.

3.4 Autonomia e responsabilidade reguladas

Os primeiros dias mostraram-me logo que o estágio seria tão mais bem sucedido quanto o nosso sentido de pro-actividade, o nosso nível de informação e a nossa capacidade de apresentar sugestões válidas e mostrar dinamismo de actuação e qualidade nas coisas que fazíamos. Pela experiência que fui tendo, confirmei a minha percepção inicial sobre a importância dada a esse tipo de valências.

O meu estágio foi marcado por uma crescente autonomia de acção, com possibilidade de usar frequentemente os estúdios de gravação e dar um contributo crescente às equipas com as quais trabalhei. Mas sem que isso significasse um excesso de responsabilização do estagiário, equiparando a sua função à de um jornalista profissional, algo que naturalmente não defendo e que violaria a especificidade deste estatuto. Assim, foi uma espécie de processo híbrido entre um certo acompanhamento por parte do orientador ou do editor respectivo e algum espaço para que o estagiário trilhasse o seu caminho.

Outro aspecto importante é a questão das relações humanas e profissionais. Senti a importância de estarmos abertos para falar com as pessoas, para pedirmos ajuda sempre que necessário e para insistirmos com elas para que acompanhassem o trabalho que íamos fazendo e nos dessem a sua opinião.

3.5 O constrangimento da ausência de locução

Ao começar o estágio, confirmou-se aquele que era um dos meus maiores receios: a impossibilidade de dar voz em antena. Como se verificou praticamente desde o início e explorarei mais à frente, o meu estágio partiu da observação para um actuação prática mais forte e integrada. Efectuei tarefas muito diferentes e dei o meu contributo de forma muito diversificada, mas, com excepção de diversas situações de dobragem, em que a minha voz foi usada, “o maior e mais abstracto meio de divulgação de que o Homem é dono”, referido por Rudolf Arnheim [*in* Canavilhas, 2004, 4], foi-me, de

¹⁵ Uma das colegas, como era trabalhadora-estudante, teve que, após uma breve experiência na tarde, ficar quase todo o estágio na noite; a outra teve passagens pelo turno da manhã 2, editoria de economia e multimédia.

algum modo, vedado. Trata-se de uma deliberação interna da empresa, com base no argumento de que não somos ainda jornalistas, não somos pagos e de que, nestas condições, não fará muito sentido assumirmos esse papel. Percebo a questão de não pôr um estagiário a desempenhar o papel de jornalista na íntegra, não só por uma questão ética, mas também para estar de acordo com a lei. Mas, em situações em que fosse possível haver uma audição prévia do editor ou de outro jornalista, em que existisse a percepção de que a peça tem valor para passar no ar, esta poderia ser uma forma do nosso contributo ter uma maior projecção. Uma medida que não implicaria seguir os passos de outros meios de comunicação onde, indevidamente e de forma clara, o estagiário exerce uma função exactamente igual à de qualquer outro jornalista, só que sem receber qualquer salário.

Perante esta limitação, cheguei a pensar em abdicar da ideia de realizar o estágio em rádio e de optar por uma alternativa interessante em imprensa, num diário de referência, sujeitando-me às respectivas condições. Como julgo que ficará claro ao longo do relatório, ainda bem que não tomei essa decisão, pois, apesar deste contratempo, não tenho hoje dúvidas de que fiz a escolha certa.

Cap. II – A cobertura cultural na rádio pública

1. A experiência na cultura

1.1 A integração inicial

A primeira semana foi essencialmente de integração, para me familiarizar com a organização da editoria e os seus principais métodos de trabalho e para aprendizagem rápida das ferramentas essenciais do Dalet¹⁶. Uma boa parte das reportagens culturais é efectuada pela jornalista Sandy Gageiro e, logo nos dois primeiros dias, acompanhei a repórter a dois ensaios de imprensa: *Romeu e Julieta*, pela Companhia João Garcia Miguel, e *Agora tinham passado 10 anos*, pelo Teatro do Vestido, ambas em Lisboa. Na segunda peça, houve no final uma conferência de imprensa improvisada e, apesar de estar ali apenas como acompanhante, resolvi colocar uma questão. Não estava certo se haveria algum problema em fazê-lo, mas, considerando ter sido uma pergunta pertinente, a jornalista Sandy Gageiro não colocou qualquer problema. Aliás, esse espírito terra-a-terra, de abertura ao meu contributo e sem formalismos desnecessários, extensivo também à editora Helena Esteves, facilitou muito a integração na equipa.

A partir do ensaio de imprensa e dos sons recolhidos junto dos protagonistas, a jornalista produziu peças radiofónicas de antevisão dos espectáculos, para depois serem emitidas na *Casa das Artes* e, eventualmente, nos noticiários do dia de estreia. Em paralelo, apesar de ser apenas para um portefólio pessoal, efectuei as minhas próprias peças¹⁷, escrevendo o texto, cortando os sons, elaborando o esqueleto¹⁸, gravando a voz e editando o produto final, pedindo sugestões ou alguma ajuda sempre que necessário. Aliás, foi uma prática que tentei aplicar a todas as iniciativas culturais que acompanhei: efectuar um conteúdo radiofónico que desse corpo à minha presença no terreno. Para tal, nos casos em que a minha presença foi essencialmente de acompanhante, tentei abstrair-me da peça realizada oficialmente e não me restringir aos sons usados pela jornalista, de forma a não influenciar ou condicionar a minha criação individual. No

¹⁶ Programa de edição de som da rádio pública. Tal como previsto, a aprendizagem foi bastante fácil.

¹⁷ Informação no anexo 1, com a referência a todas as peças que, no âmbito da cultura, concretizei para o meu portefólio. Para além disso, estas peças específicas constam da versão digital deste relatório, enquanto os respectivos esqueletos estão no anexo 3 da versão escrita.

¹⁸ Estrutura da própria peça, incluindo o texto do locutor e os sons utilizados.

fim, com particular incidência nestas primeiras peças, pedi para que fossem ouvidas, de forma a ter uma avaliação qualitativa e poder corrigir eventuais erros no futuro.

1.2 As tarefas autónomas

A partir da segunda semana, comecei a ter liberdade para realizar tarefas de forma autónoma. Isto aconteceu fruto da lógica de responsabilização progressiva do estagiário, num processo que, provavelmente, terá sido acelerado em virtude da minha experiência radiofónica anterior e do relativo “à vontade” revelado em questões e entrevistas culturais (de forma genérica), o que foi sendo reconhecido pela editora Helena Esteves e pela jornalista Sandy Gageiro.

Assim, acompanhei actividades culturais de áreas temáticas muito diferentes. Uma exposição de desenho de homenagem ao escritor Manuel da Fonseca, o espectáculo de música francesa *Tempo* ou a peça de humor *10 milhões e picos* foram algumas das iniciativas que segui no local¹⁹. O objectivo base era que a antevisão fosse feita recorrendo a sons gravados *in loco*, mas houve situações em que os intervenientes se deslocaram à RTP. Este facto sucedeu ora por ausência de alternativa, ora porque não havia um ambiente, uma observação visual que justificasse a saída em reportagem, caso do festival de curtas-metragens *Córtex* ou do documentário *Setubal tem Alma Musical*, em que entrevistei em estúdio respectivamente o organizador e realizador. O uso do telefone para falar com os intervenientes culturais é, por princípio editorial, o último recurso na rádio pública, mas foi aplicado algumas vezes.

Grande parte dos conteúdos que acompanhei foram propostos pela editoria de cultura. Mas houve também espaço para sugerir, explorar e realizar outros assuntos. Como a música é indiscutivelmente uma das áreas artísticas da minha preferência e que acompanho mais profundamente, propus e efectuei entrevistas a Sara Tavares²⁰, Dead Combo²¹ e Paus²². Estas propostas não foram reflexo de uma mera escolha pessoal, mas houve um contexto de actualidade, que passou pela presença dos dois primeiros no

¹⁹ As respectivas peças constam da versão digital deste relatório.

²⁰ Cantora portuguesa de raízes cabo-verdianas, cuja música é uma fusão entre a base africana, soul ou a música pop. A entrevista editada consta da versão digital deste relatório.

²¹ Duo instrumental, com quatro discos editados, cuja música flutua essencialmente entre o fado, a música *western* e, a espaços, algumas sonoridades latina e africana.

²² Banda rock portuguesa, com uma percussão marcada por uma bateria siamesa, cujo primeiro LP de originais foi lançado em Outubro de 2011. A entrevista editada consta da versão digital deste relatório.

*Festival Sintra Misty*²³ e pelo lançamento do primeiro longa-duração dos Paus, o que garantiu algum espaço em antena para estes sons.

Como não podia dar voz, os conteúdos tinham depois de ser assumidos pelos respectivos editores (da *Casa das Artes*, dos noticiários dos vários canais nacionais, com particular incidência na Antena 2, ou, em situações mais pontuais, no *Portugal em Directo*). Para compensar o problema de alguém falar de algo que não presenciou, tinha o cuidado de deixar os sons cortados, acrescentando algumas ideias sobre eles, ou até de propor um esquema possível para uma peça. A única excepção a esta prática foram as peças sem voz *off*²⁴, em que a montagem de declarações dos intervenientes com outros sons (pequenos pedaços de uma peça teatral, excertos de um tema musical, etc) valia por si só e não necessitava da palavra do jornalista enquanto fio condutor, bastando um lançamento e um rodapé do editor, que eu próprio lhes enviava.

Assim, foi um mês em que realizei um trabalho vasto e diversificado na cultura, facilmente verificável, por exemplo, na quantidade de conteúdos da *Casa das Artes* em que estive envolvido. Para além disso, tive sempre o cuidado de, em todos os conteúdos em que trabalhei, efectuar algo para o meu portfólio pessoal. Desta altura, constam neste arquivo peças com voz, peças só com sons, uma crónica sobre um filme do Doc Lisboa²⁵ visionado na projecção de imprensa, entrevistas editadas, um trabalho um pouco mais longo, sobre a segunda parte da exposição da Fundação Gulbenkian dedicada à natureza morta (*A Perspectiva das Coisas*)²⁶, e um pequeno foco de reportagem, a propósito da Orquestra Geração, um projecto musical de miúdos da Amadora, e do respectivo trabalho de criação artística desenvolvido com o maestro britânico Paul Griffiths²⁷.

1.3 A continuidade na cultura

Tal como referido no capítulo anterior, a presença a tempo inteiro na editoria de cultura terminou no final de Outubro. Todavia, dentro das limitações subjacentes a estar integrado num turno, continuei a estar disponível para dar a minha colaboração.

²³ Festival de música de Sintra, cuja 2ª edição decorreu em Outubro de 2011. O concerto de Sara Tavares teve a particularidade de ser um regresso depois de uma ausência algo prolongada e o dos Dead Combo serviu de apresentação de *Lisboa Mulata*, álbum que tinha sido recentemente editado.

²⁴ Voz do jornalista numa peça radiofónica.

²⁵ Ver peça na versão digital e o respectivo esqueleto no anexo 3 da versão escrita deste relatório

²⁶ *Idem*.

²⁷ *Idem*.

Por um lado, apesar de estar completamente à vontade para rejeitar, pois poderia não ter tempo e era apenas um estagiário, aceitei quase sempre os pequenos desafios semanais que me foram propostos. Assim sendo, seja em entrevistas telefónicas ou presenciais, seja mesmo em algumas recolhas de sons no contexto físico da iniciativa cultural, a minha participação na editoria continuou a ser bastante efectiva²⁸.

Em paralelo, continuei a sugerir e a concretizar alguns conteúdos. Foi assim que entrevistei Rodrigo Leão²⁹ ou Sérgio Godinho, no contexto respectivamente dos concertos do Centro Cultural de Belém e do Coliseu de Lisboa. Foi desta forma que, no próprio dia da primeira parte do certame, consegui falar com alguém da organização do *Festival Mexefest*³⁰, após ter-me apercebido que ninguém o tinha feito³¹. E foi também assim que, tendo conhecimento de muitas actividades culturais de Coimbra, de onde sou natural, acabei por levá-las a antena, caso dos Caminhos do Cinema Português, do Festival Passagem de Ano (ligado à música tradicional) e da palestra do famoso cientista e dramaturgo Carl Djerassi (o inventor da pílula) e da respectiva encenação de um texto seu, *Cálculo*, pela companhia conimbricense Marionet³².

A principal diferença foi que, como o tempo era muito mais curto, limitava-me a cortar os sons e a encaminhar a informação para quem os pudesse lançar. Não tinha tempo para fazer um trabalho mais cuidado e pormenorizado, nem tão pouco de produzir peças para o meu portfólio. Pela maior preponderância prática que tinham, a excepção foram as peças só com sons. Ao longo dos dois derradeiros meses do estágio, fiz seis peças nessas condições, prontas para ir para o ar, acrescentando apenas os tais lançamento e rodapé, que enviei sempre aos editores que se manifestaram interessados em emití-las.

²⁸ A listagem das iniciativas culturais que acompanhei neste período encontra-se no Anexo 1.

²⁹ A entrevista editada consta da versão digital deste relatório, bem como a peça sem voz *off* que criei para passar no ar.

³⁰ Festival de música pop, cuja primeira edição decorreu respectivamente em Dezembro de 2011, em Lisboa (antes existia o Super Bock em Stock, em moldes semelhantes), e em Março de 2012, no Porto.

³¹ A peça sobre este festival, sem voz *off*, encontra-se na versão digital deste relatório.

³² Como desempenhei essas funções nos últimos dois meses, em que o meu papel na editoria de cultura era uma actividade complementar ao turno onde estava inserido, não realizei peças pessoais sobre esses conteúdos. A única excepção é a peça sobre o Festival de passagem de ano, sem voz *off*, cujo resultado se encontra na versão digital deste relatório.

2. Os conteúdos culturais;

2.1 Espaços culturais na rádio pública

A cobertura cultural na rádio pública divide-se entre programas e rubricas temáticas, a transmissão pontual de concertos e o espaço que lhe é destinado nos noticiários.

Na Antena 1, há quatro rubricas de música: *Luz de Neón*³³, *Alma Lusa*³⁴, *Viva a Música*³⁵ e *5 Minutos Jazz*³⁶, duas de cinema: *Cine I*³⁷ e *Cinemax*³⁸, uma de literatura, chamada *À Volta dos Livros*³⁹, e, num sentido mais *lato*, duas de cultura popular, *Histórias Assim Mesmo*⁴⁰ e *Lugares Comuns*⁴¹. E há um espaço global chamado *Casa das Artes*, de divulgação diversa e criativa de iniciativas culturais. Esta é a rubrica com mais acção jornalística a partir da redacção, enquanto grande parte das restantes são afectas à programação e/ou têm produção própria. Há também alguns conteúdos musicais temáticos e a reposição dos programas *Vozes da Lusofonia*⁴² e *Lugar ao Sul*⁴³. Importa também realçar que, durante a fase final do meu estágio, a Antena 1 deixou de contar com o contributo de Luís Filipe Barros, uma das figuras mais icónicas da rádio portuguesa e que apresentava os programas *Ondas Luisianas* e *Classe 70* e a rubrica *Outras Histórias da Música*. A saída decorreu por vontade do locutor.

Na Antena 2, com uma emissão muito assente na música jazz, clássica, contemporânea ou étnica, há um destaque claro à cultura de um ponto de vista mais erudito. Para além da programação musical, há as rubricas *Em Canto* (dedicada à voz no contexto musical), *Molduras* (sobre artes plásticas), *Última Edição* (sobre a actualidade

³³ Sucinta apresentação bibliográfica e factual de uma banda ou de um músico, culminando com um tema musical.

³⁴ Rubrica dedicada ao fado e alguma música tradicional, com programa de duas horas ao fim-de-semana.

³⁵ Rubrica sobre música portuguesa, com incidência na música tradicional, incluindo um programa semanal de uma hora, com transmissão em directo de um concerto ao vivo.

³⁶ Rubrica de divulgação jazzística.

³⁷ Rubrica dedicada à memória cinematográfica, seja mais ou menos distante.

³⁸ É também um programa de uma hora semanal, com entrevistas, reportagens, análise de mercados cinematográficos e crítica às principais estreias em Portugal, para além do destaque a festivais, outras iniciativas importantes e ao programa *Onda Curta*, da RTP2.

³⁹ Rubrica com entrevistas no contexto de edições literárias.

⁴⁰ Rubrica dedicada às lendas portuguesas.

⁴¹ Rubrica dedicada à origem de certas expressões populares.

⁴² Programa dedicado a intérpretes lusófonos.

⁴³ Programa dedicado aos costumes e sons tradicionais do sul do país.

literária) ou *Lilliput* (sobre literatura infantil) e programas dedicados à música para cinema (*Ouvir Cinema*), relação entre música e outras artes (*Caleidoscópio*), literatura (*A Força das Coisas*) ou artes de uma forma mais global (*Quinta Essência*).

Na Antena 3, o público-alvo é mais jovem e a programação mais virada para o presente do universo pop-rock, com programas de autor nocturnos de divulgação musical. Há a registar o magazine de cultura do canal, o *Borda d'Água*, as rubricas musicais *Terminal 3* (sobre novidades musicais da semana), *Canções com História* (as histórias por trás da música) ou o *Portugália* (sobre música portuguesa, que é também um programa diário de divulgação da música nacional) e um espaço de cinema próprio, embora também se intitule *Cinemax*.

Para além dos espaços destinados propositadamente ao efeito, a informação cultural tem também *airplay*⁴⁴ nos blocos noticiosos. Destaque para a Antena 2, em que a lógica do canal faz com que os noticiários dediquem menos espaço à restante actualidade, apostando de forma mais forte na cultura, por vezes com honras de abertura. No caso do alinhamento dos noticiários do canal generalista, a cultura tem frequentemente espaço no fecho, seja na divulgação de concertos ou discos de música portuguesa, de estreias cinematográficas relevantes, nomeadamente de filmes nacionais, de exposições fundamentais, caso da exposição de natureza morta da Gulbenkian, de inaugurações de espaços culturais importantes, como foi o caso do Centro de Arte Moderna Gerardo Rueda, em Matosinhos, ou notícias que demonstrem o prestígio internacional dos portugueses, como a escolha de Pedro Gadanhó para o Museu de Arte Moderna de Nova Iorque ou a pré-escolha do tema de Camané, do filme *José & Pilar*, para os Óscares 2012. Finalmente, na Antena 3, a opção por temas culturais surge mais restrita ao que se considera ir de encontro ao tal público mais jovem, com o lançamento do disco dos Paus ou a divulgação do *Festival Mexefest* a serem alguns exemplos.

2.2 A diversidade de conteúdos e os critérios de escolha

A listagem e descrição anteriores mostram uma relativa diversidade cultural, com alguma desigualdade temática, predominando conteúdos de música e cinema. No fundo, acaba por acontecer na rádio pública o mesmo que Dora Silva verificou na imprensa portuguesa: “sem sombra de dúvidas, as indústrias cinematográfica e

⁴⁴ Espaço em antena.

discográfica são os sectores que mais notícias têm nas páginas culturais dos jornais portugueses” [2009: 8]. Numa entrevista que concedeu para concretização deste trabalho, o antigo director-adjunto, Ricardo Alexandre⁴⁵, destaca “uma aposta consistente, bem conseguida e bem realizada no cinema, mas desequilibrada com outras artes, nomeadamente o teatro”. De facto, para além do espaço ocupado nas rubricas de cultura generalistas, o teatro, as artes plásticas ou áreas temáticas mais recentes, como a moda ou a arquitectura, praticamente não existem na informação / programação da rádio pública.

Embora com tempo e espaço discutíveis, sente-se uma abertura evidente para a realização e acompanhamento de conteúdos muito diferentes. Numa entrevista concedida para este trabalho, a editora de cultura, Helena Esteves, realça essa característica como “uma obrigação de divulgar um espectro alargado, prevalecendo sempre o bom-senso”. Embora com critérios difíceis de delimitar, essa será sempre uma missão decisiva do jornalista cultural, numa responsabilidade que provém do jornalista global, a de “seleccionar o que deve ser conhecido e como deve ser conhecido publicamente” [Melo, 2010: 9].

A obrigação de divulgar uma panorâmica alargada de conteúdos, extensível aos nomes menos sonantes, é particular na rádio pública. Helena Esteves salienta que há iniciativas incontornáveis, “como uma peça no Teatro D. Maria II ou uma grande exposição internacional que venha a Portugal”, mas que há uma preocupação com os responsáveis da cultura menos conhecidos, “como as companhias de teatro independentes, os músicos portugueses mais alternativos ou os pintores nacionais menos conhecidos”. E realça que muitos grupos culturais têm consciência que, se não fosse a rádio pública, ninguém falava destas iniciativas mais marginais. Ricardo Alexandre concorda e refere que, por vezes, até pode haver uma lógica contrária, com espaço para que se critique o facto de se “destacar um concerto *underground* na Galeria Zé dos Bois e não se falar do concerto do Tony Carreira no Pavilhão Atlântico que leva lá 20 000 pessoas”, apontando a dificuldade de se estabelecerem critérios de escolha de conteúdos.

⁴⁵ Na altura em que a entrevista foi dada, Ricardo Alexandre já se tinha demitido do cargo de director-adjunto. Contudo, considerou-se que a entrevista continuava a fazer sentido, visto que ocupou a função durante o meu estágio.

Essa questão aponta as dificuldades de caracterização cultural, havendo a necessidade de não fazer um enquadramento assente numa lógica redutora. Assim, em particular num mundo massificado, em que o acesso à cultura deve ser mais plural, exige-se “uma perspectiva aberta para as obras humanas (...), evitando uma distinção maniqueísta entre «alta» e «baixa» cultura, entre indústria cultural e cultura erudita ou mercado e arte” [Melo, 2010: 4]. Mas importa que o espectro de divulgação dos meios de comunicação seja efectivamente alargado, não desprezando o mediático, mas sem o sobrevalorizar, numa forma de permitir uma escolha mais consciente e informada. Essa responsabilidade é, como foi referido, particular no serviço público de rádio.

2.3 Cultura, serviço público e concorrência

Vivemos num mundo em que a cultura se massificou e se industrializou, em que os objectos culturais “são produzidos e – como toda a mercadoria que possui um valor de troca – precisam de ser divulgados e consumidos” [Siqueira & Siqueira, 2007: 4, 5]. No contexto do crescente impacto do cinema e da fotografia, essa questão era já, de um certo modo específico, abordada em 1955 por Walter Benjamin: “a reprodução técnica da obra de arte representa um processo novo, que se vem desenvolvendo na história intermitentemente, através de saltos separados por longos intervalos, mas com intensidade crescente” [1955: 1].

Nesta óptica mais mercantilista e competitiva, uma divulgação mais alargada deve ser, na perspectiva de uma certa função social do jornalismo cultural, um desígnio do serviço público de rádio. Aliás, essa responsabilidade está assumida no próprio Contrato de Concessão de Serviço Público de Radiodifusão Sonora que, no ponto oito das notas prévias, destaca que, “sem descurar o seu papel na difusão de uma programação de conteúdo porventura mais abrangente, a sua missão é essencial na preservação, e principalmente na promoção, de outras formas de cultura destinadas a um público mais restrito, permitindo-lhe, assim, encontrar na programação de serviço público a satisfação dos seus interesses”.

Analisando como um todo, as características específicas da Antena 2, a oferta em alguns programas e nos noticiários da Antena 1 ou o apoio à nova música portuguesa do *Portugália* levam Ricardo Alexandre a considerar que a cobertura

cultural da rádio pública não tem paralelo no país. De facto, se, por exemplo, analisarmos a TSF, a principal estação concorrente a nível informativo, verificamos que o acompanhamento cultural é mais reduzido, incluindo o magazine diário *Fila J*, a rubrica literária *Livro do Dia*, a divulgação musical estratificada em géneros⁴⁶ do programa *TSF Músicas*, para além da entrevista semanal no *Pessoal e Transmissível* (não é sempre sobre cultura, mas tem um forte pendor nessa área), a transmissão pontual de concertos, algum espaço nos noticiários ou os elementos da cultura popular presentes nos semanais *Terra-a-Terra* e *Encontros com o Património* e no mensal *Mesa do Canto*.

Contudo, apesar das possíveis diferenças, é preciso perceber que não há na TSF, nem em qualquer outra rádio privada, as mesmas obrigações de serviço público. Assim, é também com base nessa premissa que a editora de cultura considera que a rádio pública presta pouca cobertura neste campo. Dando como exemplo os blocos informativos do canal generalista, Helena Esteves aponta que são abordados aspectos culturais em momentos chave, mas que, de resto, ao nível da actualidade mais mediática, “há um manancial de coisas a acontecer todos os dias, da economia à política, que fazem com que a cultura fique para último plano e, como os noticiários são curtos, muitas vezes acaba por não passar”.

Por outro lado, para além da questão dos conteúdos, há as limitações do tempo referidas no capítulo anterior. Como exemplo paradigmático, Helena Esteves destaca a diminuição progressiva do magazine cultural *Casa das Artes*, havendo instruções globais para que “não ultrapasse os 4 minutos”. No fundo, em direcção contrária ao que defende a editora, que considera que esse espaço deveria ser reforçado, assumindo um espaço semanal mais alargado. Para além das opções programáticas e informativas, a cobertura cultural é limitada pela falta de meios humanos e de uma estrutura organizacional mais focada e/ou (dependendo do ponto de vista) por uma utilização pouco eficaz dos recursos, como será analisado no subcapítulo seguinte.

⁴⁶ Zonas Global, Pop, Groovy, Ribeirinha, Conforto e Franca, cada um com um enquadramento musical específico.

3. Os meios humanos da editoria de cultura

3.1 As limitações da equipa da cultura

Enquanto jornalista da rádio pública, Helena Esteves partilha a liderança da editoria de cultura com a realização de noticiários regulares na Antena 2. Assim sendo, ao contrário do que sucede em outros sectores fundamentais, como desporto, saúde, política ou economia, a editora não está em exclusividade no cargo, situação essa que permitiria uma coordenação mais ponderada e activa.

A jornalista adianta que o ideal seria que isso acontecesse, mas que, perante os poucos meios humanos que há, não é possível que a função seja exercida a 100%. Por outro lado, refere que a presença nos noticiários da Antena 2 potencia um maior contacto com a cultura, o que não aconteceria se estivesse noutro canal, e destaca que esta partilha de responsabilidades não é característica única da cultura, pois o mesmo acontecia ainda há bem pouco tempo com a economia. A exclusividade só surgiu num momento em que as questões económicas ganharam uma preponderância fulcral na agenda mediática, obrigando a uma reestruturação. Por sua vez, Ricardo Alexandre desmistifica essa exclusividade, salientando que, na saúde, o editor Jorge Correia tem também responsabilidades nos estágios curriculares, na implantação de novas tecnologias e, por vezes, edita noticiários aos fins-de-semana, pelo que não faz só coisas na área da saúde. Assim, desvaloriza o facto de “não haver uma pessoa de fora a pensar só em cultura”, considerando que “hoje em dia é muito difícil haver editores a fazerem uma área e mais nada”. Contudo, perante as obrigações de serviço público na área da cultura, é questionável que assim seja.

Para além da editora, nota-se que é uma equipa relativamente curta no acompanhamento e produção de conteúdos culturais. Na zona de Lisboa, do ponto de vista da realização de peças para a *Casa das Artes* ou para os noticiários, muito do trabalho é efectuado pela jornalista Sandy Gageiro, que, como refere Helena Esteves, “também faz noticiários e reportagens generalistas”, havendo também alguns contributos pontuais de outros jornalistas da sede. Por outro lado, grande parte dessa função cinge-se a Lisboa e zonas envolventes, “não havendo grande disponibilidade de meios ou condições financeiras para ir mais além” em termos de acompanhamento no

terreno⁴⁷, mesmo considerando a existência de repórteres nas delegações regionais. Aliás, para além de situações esporádicas ou questões de grande mediatismo, como sucede agora com Guimarães 2012 Capital Europeia da Cultura, os conteúdos culturais de outras zonas do país têm pouca divulgação. Pela sua importância, esse constrangimento será melhor explorado nos próximos pontos.

3.2 Centralização geográfica da rádio pública: falta de visão ou de meios?

A rádio pública tem centros regionais em Viana do Castelo, Vila Real, Bragança, Porto, Viseu, Guarda, Castelo Branco, Coimbra, Santarém, Évora, Faro, Açores e Madeira⁴⁸. Contudo, pouco trabalho é feito pelos jornalistas desses centros na área da cultura, o que origina uma forte centralização da cobertura na área de Lisboa. Por várias vezes, recorri ao telefone para obter sons respeitantes a certas iniciativas culturais fora de Lisboa, o que demonstra que essa função não foi desempenhada pelos jornalistas da região. As peças teatrais *Café Mário*, do CENDREV (Évora), e *Cálculo*, da Marionet (Coimbra), são alguns exemplos.⁴⁹

A editora de cultura assume essa forte contingência geográfica, considerando que, no Porto, ainda é feito algum trabalho no campo cultural, ao invés de muitos pontos do país, onde só há um ou dois jornalistas, e, portanto, não há disponibilidade para realizar conteúdos nesta área. Dá como exemplo a jornalista Eduarda Freitas, do centro regional de Vila Real, uma pessoa “muito virada para as coisas da cultura, mas que raramente pode fazer algo nessa área, dado que está sozinha a cobrir uma grande área geográfica”. É, segundo Helena Esteves, a demonstração natural que “a cultura não é uma prioridade”.

Opinião bem diferente tem Ricardo Alexandre. Segundo o antigo director-adjunto de informação, se a centralização de conteúdos na zona da capital é uma realidade, é porque “os editores pedem pouco e pensam pouco”, considerando que há alguma falta de planeamento na cobertura cultural. Dá o exemplo de Viseu, em que há apenas uma jornalista a trabalhar para a RTP, acumulando mesmo funções para rádio e

⁴⁷ Para além do acompanhamento no terreno, por vezes recorre-se ao estúdio ou ao telefone para obter alguns sons. Essa situação será explorada no subcapítulo II-3.

⁴⁸ Informação disponível em <http://www.rtp.pt/wportal/grupo/centrosreg.php>, site da RTP, consultado em Abril de 2012.

⁴⁹ Pelo mesmo motivo do que foi referido na nota de rodapé 16, não realizei peças pessoais sobre esses conteúdos, pelo que não se encontram em anexo.

televisão, mas Ricardo Alexandre considera que se as coisas forem pedidas com tempo, tudo pode ser diferente. E vaticina que, se “os editores e responsáveis pela *Casa das Artes* pensarem este produto de outra forma, com um planeamento e um desejo mais nacional, é possível obter outros resultados”, recordando também que há inúmeras peças deste sector nas várias edições regionais do *Portugal em Directo*, mas que raramente são revertidas para o magazine cultural da Antena 1.

Certo é que, seja por falta de meios, de planeamento ou de uma visão geograficamente mais abrangente, há notoriamente um défice tremendo de acompanhamento cultural em muitas zonas do país, mesmo se tivermos em conta que uma boa parte da oferta está previsivelmente em Lisboa. Por outro lado, como muitos conteúdos culturais têm normalmente um destaque menor nos noticiários generalistas, fica a dúvida se, existindo um leque de peças mais diversificado, muitas não teriam um espaço em antena residual.

Em todo o caso, este fenómeno deficitário pode, segundo uma certa perspectiva, ser englobado numa tendência mais geral, assente numa lógica de poupança de recursos dos *media*, que atinge com particular incidência as áreas da cultura e da informação local. Contudo, a especificidade de serviço público deve exigir um cuidado particular da Rádio e Televisão de Portugal (RTP) nesta matéria.

3.3 Uma perspectiva mais global: desinvestimento na cultura e na informação local

O *boom* da internet e da circulação massificada de informação trouxeram inevitavelmente dificuldades financeiras acrescidas aos *media*. Uma das reacções foi cortar ou diminuir em áreas consideradas menos prioritárias. Na linha do que referiu Helena Esteves, a cultura foi um desses sectores.

Numa reflexão sobre o novo jornalismo americano, Downie Jr. e Schudson referem que “em muitas cidades, são poucos os jornalistas de imprensa a realizar reportagens em *city halls*⁵⁰, em escolas, sobre bem-estar social, vida nos subúrbios, negócios locais, cultura, arte, ciência ou ambiente” [2009: 18]. Essa situação pode ser transposta facilmente para a realidade portuguesa. Seja ou não verdade a extinção da

⁵⁰ Equivalente nas cidades americanas às câmaras municipais.

editoria de cultura da LUSA ⁵¹, certo é que há um sinal de desinvestimento e, ainda que a cobertura cultural não sofra uma diminuição, importa perceber com que meios e condições ela será assegurada. Até porque os meios de comunicação estatais, como a LUSA ou a rádio e televisão públicas, têm uma responsabilidade acrescida, na perspectiva social e integradora do jornalismo cultural, que surgiu “com a função de mediar o conhecimento e aproximá-lo do maior número de pessoas, com a intenção de não restringir a uma elite a esfera das artes, da filosofia e da literatura” [Melo, 2010: 5].

Para além da questão moral e legal, os objectivos economicistas podem ter um efeito contrário ao desejado. Como refere Paul Starr a propósito da imprensa, “com a menor cobertura internacional⁵² e da vida cultural, os jornais sujeitam-se a perder leitores entre o público que tem interesse nestas áreas e ficam menos atractivos para muitos publicitários” [2009: 4]. No mesmo sentido vão as palavras de Ricardo Alexandre, que faz um alerta aos responsáveis dos *media* “para que estejam atentos aos sinais que a economia vai dando em relação à cultura e ao peso que as actividades culturais têm na economia, se articuladas com outras áreas, de forma a reflectirem antes de tomarem decisões que não podem ser corrigidas”.

Por outro lado, independentemente da existência ou não de falta de visão ou de opções editoriais que centralizam a cultura na zona de Lisboa, parece evidente haver poucos recursos para um acompanhamento geográfico conveniente na rádio pública. É verdade que existe um programa direccionado à actualidade regional, o *Portugal em Directo*, mas será suficiente? A existência de uma só repórter em Viseu, com necessidade de responder às solicitações de informação da rádio e da televisão, é, por si só, um bom exemplo da ausência de meios. Com a reestruturação interna da RTP em curso, há mesmo o receio de que haja um agravamento global desta situação, através de uma rentabilização de recursos que seja traduzida no fecho de alguns centros regionais.

Esse desinvestimento na informação local dos meios de comunicação, nomeadamente nas rádios públicas, tem um alcance mais alargado. Considerando o caso dos Estados Unidos, “apenas uma pequena parcela das rádios públicas que asseguram

⁵¹ Como se pode verificar em <http://www.rtp.pt/noticias/index.php?article=517870&tm=9&layout=123&visual=61> (site da RTP, consultado em Abril de 2012), o PSD negou essa operação, preferindo falar em reestruturação.

⁵² O autor refere-se também aos cortes nos correspondentes internacionais.

informação nacional e internacional pela NPR⁵³ oferece também aos ouvintes uma quantidade considerável de reportagem local” [Downie Jr. & Schudson, 2009: 28].

Esta situação é, por um lado, responsável por um jornalismo com um alcance muito mais diminuto, sem que haja a devida aposta no jornalismo de proximidade. Por outro, em termos económicos, o desinvestimento da informação local pode ser um desperdício de audiências. É o que refere um relatório da CPB⁵⁴, que defende “um significativo aumento do crescimento em escala, qualidade e impacto da reportagem local como um importante contributo para o aumento da audiência da rádio pública” [*idem*: 32, 33]. A aposta nesse tipo de informação é também uma prioridade para os próprios Downie Jr. e Schudson, que defendem um serviço público de rádio e televisão “reorientado para garantir significativa reportagem local em cada comunidade servida por estações públicas e pelos respectivos *sites*” [*idem*: 84]. Aliás, consideram-na mesmo “uma prioridade absoluta para o audiovisual público” e que “deve haver uma mudança de recursos nesse sentido” [*idem*: 86].

Independentemente das diferenças do ponto de vista financeiro, de enquadramento dos meios de comunicação e, essencialmente, ao nível das dimensões geográficas dos dois países, as realidades americana e portuguesa aproximam-se quando está em causa a premência ética, social e até económica de áreas como a cultura, a ciência ou a informação local. O que demonstra que estas áreas não só não podem ser marginalizadas, como devem constituir uma aposta importante dos *media*.

⁵³ A NPR (National Public Radio) é uma estrutura que distribui conteúdos informativos nacionais e internacionais e programação diversa pelas rádios públicas americanas (*site*: <http://www.npr.org>, consultado em Abril de 2012).

⁵⁴ A CPB (Corporation Public Broadcasting) é uma organização não lucrativa americana criada em 1967 para promover o crescimento e o desenvolvimento dos *media* públicos (*site*: <http://www.cpb.org/>, consultado em Abril de 2012).

4. Os métodos na cobertura cultural

4.1 Cobertura no local e à distância: ambiente vs. telefone;

Na editoria de cultura, a opção pelo acompanhamento no local, com observação do fenómeno artístico⁵⁵, é uma clara prioridade. Contudo, fruto das contingências referidas, originadas pela falta de meios e/ou por um planeamento menos eficaz, o recurso ao telefone acaba por ser necessário. É aquilo que Helena Esteves considera “a rádio de sofá, uma péssima maneira de fazer rádio”, mas esta opção surge porque, em muitas circunstâncias, “as alternativas são isto ou nada”.

Na área da cultura, há espaço para maior liberdade e criatividade de concepção e há pretensões de que “os sons e os cheiros” da rádio sejam transmitidos de forma particularmente atractiva. Como refere a editora de cultura, “não há só o objectivo de informar, mas também de motivar as pessoas a irem a manifestações artísticas”. No entanto, seja do ponto de vista da informação ou do espaço mais aberto da motivação, só é possível fazê-lo com rigor e propriedade se o repórter for ao local e assistir a pelo menos uma parte da iniciativa cultural, de forma a ter uma visão mais concreta do que fala e não arriscar a transmitir aspectos falaciosos, com base na opinião de terceiros. Só nessas condições, o jornalista cultural pode ter a sensibilidade necessária e o talento de cumprir “uma função informativa e poética na vida dos sujeitos (...), descortinando as obras culturais em seu sentido forte, no que possuem de estético e ético (...), capaz de informar sem perder a força do acontecimento (suas cores, sensações, sons e clímax)” [Melo, 2010: 11].

4.2 Antevisão, reportagem e crítica

A cobertura cultural na rádio pública aposta muito mais na divulgação prévia do que em reportagem, análise ou crítica opinativa. A reportagem em alguns festivais ou concertos, a cobertura no local de momentos muito específicos, como está a acontecer com a capital europeia da cultura, a crítica de João Lopes e a análise comercial de António Quintas em termos cinematográficos⁵⁶ ou os programas de autor da Antena 3,

⁵⁵ Por exemplo, vendo a preparação de uma exposição ou assistindo a um ensaio teatral ou musical de imprensa.

⁵⁶ Inseridos no programa *Cinemax*.

com espaço para a divulgação discográfica mais profunda⁵⁷, são alguns exemplos de cobertura posterior, mas o conjunto deste tipo de conteúdos é relativamente reduzido.

Essa situação é assumida pelo antigo director-adjunto de informação, que refere a falha de não se ouvirem os protagonistas e o público após as iniciativas culturais, de forma análoga ao que se faz no desporto, “em que há a projecção dos grandes jogos, o relato e a reportagem no final”. Por outro lado, o espaço para discussão cultural é reduzido ou nulo, ao contrário do que, por exemplo, sucede com algumas rádios públicas brasileiras, com “horários para o debate sobre espectáculos teatrais e musicais” [Siqueira & Siqueira, 2007: 1, 2].

Como refere Daniel Piza, na obra *Jornalismo Cultural*, estas características de falta de análise do impacto e do balanço são globalmente uma realidade na área da cultura: “lemos muito sobre discos, filmes, livros e outros produtos no momento da sua chegada ao mercado e, cada vez mais, antes mesmo de sua chegada (...). No entanto, raramente lemos sobre esses produtos depois de terem uma «carreira», pequena que seja, e assim deixamos de reflectir sobre o que significaram para o público de facto” [*in* Silva, 2009: 9]. Esta questão é enquadrada por Siqueira e Siqueira, segundo os quais, “com a consolidação do jornalismo convencional, com a sua estrutura hierarquizada da notícia, *lead* e preocupação com acontecimentos factuais, o espaço para reflexão sobre artes e cultura tende a desaparecer” [2007: 11].

Como vimos, a cobertura cultural na rádio pública é frequentemente feita do ponto de vista da agenda. Isso não significa, longe disso, que a antevisão seja na forma de notícias secas, meramente funcionais e sem que haja o contributo do olhar do jornalista. Há trabalho de observação e, mais ainda, há um esforço de ouvir os principais intervenientes das iniciativas culturais. A questão é que uma antevisão mais cuidada não é devidamente acompanhada por reportagem e crítica em doses consistentes.

Isto acabou por ser uma consequência da massificação da cultura, em que o jornalismo se tornou, “em parte, movido pela dinâmica do mercado artístico e de sua estrutura de lançamentos e distribuição” [Vargas, 2004: 4]. Nesse contexto, apesar de algum espaço para entrevistas, críticas ou reportagens, “esse espaço ainda é pouco, perto do ocupado por textos factuais, notas e matérias superficiais sobre programas para o fim-de-semana” [Siqueira & Siqueira, 2007: 11, 12]. Assim, a responsabilidade passa

⁵⁷ Programas que estão naturalmente fora de uma lógica informativa.

por rever essa questão, por fazer uma aposta mais consistente e alargada na cultura, resistindo a aspectos mercantilistas que não se coadunam com a lógica de serviço público.

4.3 As pressões da indústria cultural

A rádio pública, sendo um meio de comunicação estatal, tem responsabilidades acrescidas de não ceder a influências externas. Assim, de acordo com o ponto sete das notas prévias do Contrato de Concessão do Serviço Público de Radiodifusão Sonora, “o modo de actuação e organização do prestador de serviço público não pode ser permeável ou possibilitar qualquer influência, seja de que natureza for”.

Em termos concretos, do ponto de vista da informação, não detectei ao longo do meu estágio, quer na escolha, quer no impacto que os conteúdos culturais têm em antena, grandes cedências a algumas tentativas de pressão de editoras, programadores ou assessores de imprensa. O que não significa que elas não existam. Aliás, a editora de cultura confirma que as tentativas de pressão são essencialmente feitas do ponto de vista da insistência das pessoas ligadas às grandes produções e edições, mas reconhece “que é o trabalho deles”.

É precisamente o que apontam Siqueira e Siqueira que, no estudo que efectuaram, verificaram que, “na prática das redacções, assessorias de comunicação e imprensa, divulgadores, representantes de gravadoras e de patrocinadores disputam a pauta. Editores, repórteres e pauteiros⁵⁸ têm de lidar com essa questão quotidianamente” [2007: 3]. Neste sentido, Teresa Carmo aponta que, com a proliferação de comunicados de imprensa, estruturas de marketing e contactos de assessores, importa que o jornalista seja capaz de “resistir à promiscuidade crescente entre os espaços de puro jornalismo – informação, opinião – e da promoção” [2006: 2].

Também Ricardo Alexandre revela esse papel das assessorias, realçando que as grandes editoras ou distribuidoras “têm mais meios para fazer promoção e fazem promoção de forma mais assertiva, logo se calhar colhem frutos disso”. Mas, de acordo com o antigo director-adjunto, isso surge como resultado da insistência e da maior

⁵⁸ O pauteiro é o responsável por definir os temas a serem tratados e de os distribuir pelos jornalistas. Hoje, essa tarefa é essencialmente feita pelos editores.

circulação de informação e não no contexto da cedência a pressões, o que confirma as observações efectuadas durante o estágio.

Pude, de forma directa, vivenciar essa realidade, essa insistência dos veículos de comunicação. Assim, recebi alguns telefonemas e *mails* de estruturas cujas iniciativas culturais acompanhei, com o objectivo de saberem se já tinha ido alguma coisa para o ar e em que moldes.

A questão que se coloca é sobre o papel do jornalista neste processo. Como realça Faro, é preciso “relativizar a assertiva que concebe o jornalismo cultural como uma prática estruturada exclusivamente por variáveis externas à matéria-prima com a qual trabalha” [2007: 4]. Deste modo, o profissional informativo deve rejeitar “um jornalismo superficial, preguiçoso e redundante, porque somente publica o que as assessorias divulgam”, pugnando por um jornalismo “sério e consequente”, que desenvolve a notícia, “pluraliza os pontos de vista e repercute com fontes de prestígio e de opiniões consistentes” [Vargas, 2004: 4].

Se, de um ponto de vista informativo, não detectei pressões ou interesses económicos evidentes, bem diferente é o que sucede na programação do serviço público. Aí, tudo pesa aparentemente de outra forma. Seja por pressões directivas ou com base em estudos de mercado, vigora um sistema de *playlist*⁵⁹ que, excepto na Antena 2 ou nos programas de autor, predefine as escolhas musicais de forma fechada. Ricardo Alexandre assume a existência de uma eventual discrepância entre uma divulgação cultural mais alargada e um certo fecho na programação. E, apesar da limitação imposta pelas quotas de música portuguesa e de considerar que há uma maior diversidade do que na concorrência, o antigo director julga que as estações do serviço público “podiam passar um leque mais variado de autores e intérpretes”. Para além de que o leque de temas que passa de cada artista é praticamente restrito aos principais *singles*⁶⁰. Certo é que surgem por vezes situações de alguma contradição interna. Tome-se como exemplo os Danças Ocultas⁶¹, cujas recentes compilação e digressão foram divulgados pela rádio pública em *spots*⁶² e do ponto de vista informativo. No entanto, as

⁵⁹ Conjunto de músicas pré-definidas para rodarem num canal de rádio, sem que o locutor / realizador tenha impacto nas respectivas escolhas.

⁶⁰ Temas seleccionados para serem representantes de um disco ou de um músico, frequentemente com edição própria.

⁶¹ Um quarteto português de concertinas, oriundo de Águeda, com cerca de quinze anos de carreira e quatro discos de originais editados

⁶² Conteúdos radiofónicos de publicidade ou de divulgação

suas músicas não passam na Antena 1, pelo simples facto de as regras de *playlist* do canal não permitirem a rodagem de faixas exclusivamente instrumentais.

A indústria cultural não deixa assim de executar a sua influência, agindo em dois caminhos autónomos. Embora as tentativas de pressão sobre jornalistas e editoria de cultura não deixem aparentemente marcas profundas na informação da rádio pública, a acção promocional acaba por ter impacto na agenda de divulgação do serviço público de rádio. Como vimos, os efeitos desse processo são particularmente eficazes na programação. A acção da indústria cultural acaba então por ser um reflexo do poder do sector referido por Vargas: “a cultura é um grande negócio: há investimentos que geram empregos, empresas que disputam um mercado e uma crescente profissionalização” [2004: 3]. Por outro lado, “a mistura entre promoção e jornalismo é um dado dos tempos”, com “o especialista de marketing e o jornalista cultural a estudarem nas mesmas universidades” [Carmo, 2006: 3]. A necessidade de separar informação e divulgação cultural, por um lado, e publicidade e mercado, por outro, é “um imperativo deontológico” [*idem, ibidem*], em particular no serviço público de rádio.

5. Jornalismo cultural na rádio pública: que futuro?

Como já foi referido e é um fenómeno publicamente conhecido, paira uma grande neblina sobre o futuro da rádio e da televisão públicas. A dispensa de pessoal e a provável reformulação do serviço público, seja em meios e/ou canais, com possível perda de preponderância da RTP no contexto nacional dos *media*, são factores que tornam a realidade individual e colectiva bastante incerta. A instabilidade foi descrita de forma clara por Luís Filipe Barros que, numa entrevista ao *blog Tarrenego*, explicou assim a sua saída da rádio pública em Dezembro de 2011: “Sei lá se amanhã ainda há dinheiro para pagar indemnizações! Outros ficam sempre à espera do pior, mas eu não estava para desperdiçar 30 anos de trabalho”⁶³.

Quanto à cultura, área que não é encarada como prioridade, de acordo com a visão de Helena Esteves, a perspectiva é ainda mais duvidosa. No contexto do fim do

⁶³ Disponível em <http://tarrenego.blogspot.pt/2012/02/luis-filipe-barros-vai-voltar.html>, consultado em Abril de 2012.

Ministério da Cultura e da alegada suspensão da editoria de cultura da LUSA, a responsável pelo sector na rádio pública “não é nada optimista” e antevê que o “investimento seja cada vez menor”. Já Ricardo Alexandre não é tão taxativo e realça que, durante os últimos sete anos em que fez parte da direcção de informação, “não houve esse desinvestimento na cultura”, esperando que a situação se mantenha. Mas, dadas as dificuldades e o rumo do país e atendendo ao facto de estar de saída do cargo de director-adjunto, tem dificuldade em prever o futuro.

Pelas obrigações culturais do serviço público anteriormente expostas, a aposta nesta área é fundamental, com uma oferta mais diversa e alargada do ponto de vista temático. Por exemplo, exceptuando algumas peças esporádicas ou pequenos espaços dentro de programas de cultura mais generalistas, áreas como arquitectura, moda ou *design* não têm grande impacto na rádio pública. Assim, para além do reforço de áreas tradicionais como o teatro, a aposta em novos sectores deve ser uma prioridade, até como forma de alargar a audiência. Como refere Vargas, os *media* “não devem prescindir de cobrir eventos ligados à arquitectura e ao design”, enquanto “a gastronomia, a televisão e o comportamento também foram elevados ao patamar de temáticas culturais” [2004: 5].

Por outro lado, a vertente da cultura popular é assegurada por alguns conteúdos do *Portugal em Directo* e por alguns momentos informativos dedicados aos costumes portugueses. Mas faltam espaços próprios, atendendo a que o único programa que entra globalmente por esses caminhos, o *Lugar ao Sul*, está a ser reposto e dá a uma hora pouco acessível⁶⁴. Esse aprofundamento viria ao encontro de uma concepção de jornalismo cultural, como forma de “expressar valores, ideias e modos de ser de um povo, revelando aspectos internos, ocultos, profundos” [Siqueira & Siqueira, 2007: 8]. Essa perspectiva de cultura mais alargada está mesmo consagrada na Declaração da Diversidade Cultural da UNESCO⁶⁵, que refere que “a cultura deve ser considerada como o conjunto dos traços distintivos espirituais e materiais, intelectuais e afectivos que caracterizam uma sociedade ou um grupo social e que abrange, além das artes e das letras, os modos de vida, as maneiras de viver juntos, os sistemas de valores, as tradições e as crenças”. Contudo, importa que o que quer que se faça não confunda a noção de “popular” com “popularucho” e tenha uma visão alargada sobre a cultura

⁶⁴ O programa é transmitido aos Sábados, às 7 da manhã.

⁶⁵ Disponível em <http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001271/127160por.pdf>, site da UNESCO, consultado em Abril de 2012.

popular, não a considerando sacralizada, mas aberta à mudança e aos efeitos de diversas influências.

Por outro lado, a cultura é também importante pela sua transversalidade a outras áreas. Como refere Daniel Piza, “a cultura está em tudo, é de sua essência misturar assuntos e atravessar linguagens” [*in* Melo: 2010: 7]. Por exemplo, a importância da cultura na economia, realçada por Ricardo Alexandre, deve ser abordada no jornalismo cultural. Usando o caso referido por Dora Silva, se a fadista Mariza vai actuar ao Japão, importa não só efectuar o acompanhamento artístico mais óbvio, mas também “reflectir sobre como esse evento é importante para o turismo português, e economicamente, como é a cultura portuguesa vista lá fora ou porque é que os japoneses se interessam pela Mariza” [2009: 15]. No contexto da responsabilidade que tem ao nível da expansão e divulgação da cultura nacional, esta seria uma missão natural do serviço público.

Pela importância dos fenómenos artísticos, pela sua transversalidade e impacto em diferentes áreas e pelo acompanhamento da manifestação e expressão de um povo, importa que, caso não haja um investimento mais forte, pelo menos não haja uma aposta mais diminuta no futuro. Se esta recomendação se aplica aos *media* em geral, tem particular incidência e justificação para o serviço público de rádio. Por um lado, para que este cumpra devidamente a sua missão, nomeadamente de acordo com o Contrato de Concessão de Serviço Público de Radiodifusão Sonora, que, logo no primeiro ponto prévio, exprime que “a radiodifusão sonora e televisiva é o único ou principal factor de oferta cultural para muitos que não têm acesso a outros meios sendo, por isso, um bem cultural de primeira necessidade”. Por outro, para que sirva de bom exemplo para os outros *media* do que pode e deve ser um acompanhamento cultural de qualidade.

Cap. III – A restante experiência na Antena 1:

práticas, observações e reflexões

1. A experiência no turno da tarde

1.1 Os constrangimentos do tempo

A entrada no turno da tarde marcou o início de uma experiência bem diferente. Na cultura havia prazos suficientemente alargados para que os trabalhos fossem feitos de forma ponderada, permitindo a liberdade criativa que a área requer. Ao contrário disso, os turnos vivem muito da actualidade, da parafernália de conteúdos que surgem a todo o momento. No fundo, dependem dos constrangimentos de tempo que são, de um certo modo, inevitáveis na profissão.

Para efectuar uma preparação conveniente dos turnos, existe naturalmente um serviço de agenda e, cerca de duas horas antes do primeiro noticiário, uma reunião de planeamento. Contudo, como refere João Canavilhas, “umas vezes o acontecimento não serve os tempos de produção do meio jornalístico e outras vezes são fenómenos inesperados, pelo que o factor tempo continua a ser uma forte condicionante” [2004: 15]. Na era do digital, essas alterações são particularmente aceleradas, com, por exemplo, “bases de dados a permitirem que jornalistas e cidadãos encontrem informação numa fracção de tempo menor do que demorariam há alguns anos, se é que chegariam a encontrá-la” [Downie, Jr & Schudson, 2009: 68]. Em particular, o turno da tarde vive muito disso, das alterações que tornam o alinhamento muito volátil, numa fase de particular incidência noticiosa.

Nos primeiros dias em que estive integrado no turno, os meus trabalhos foram apenas de observação desse frenesim informativo, de toda a preparação e produção do noticiário e de atenção às agências noticiosas, de forma a detectar alguma matéria internacional relevante. Numa fase seguinte, pude realizar pequenos contactos, cujos sons não tivessem uma grande urgência. Nesta lógica, seguiram-se finalmente tarefas de maior responsabilidade, ficando incumbido, por exemplo, de obter algumas reacções

telefónicas importantes, cortar sons e escrever entradas⁶⁶ para o editor, de efectuar algumas traduções, dar voz à dobragem e efectuar a montagem final, tudo num curto espaço de tempo, ou de acompanhar, por via de outros meios audiovisuais, algumas declarações importantes⁶⁷, de forma a seleccionar sons para os noticiários da Antena1. Dada a minha condição de estagiário, todo este processo foi feito de forma articulada com a restante equipa, sempre apta para me auxiliar e tomar algumas decisões que eu não teria legitimidade para tomar. Em paralelo, fui também realizando outro tipo de conteúdos para o meu portfólio, como um breve perfil de Mariano Rajoy, no contexto do resultado das eleições legislativas espanholas, ou uma síntese informativa⁶⁸.

Outra contingência do tempo, é a questão da duração do noticiário, com limites apertados. Este facto exige aos repórteres que sejam muito concisos, uma característica fundamental em rádio que aqui acaba por ter uma importância particular. Esse foi também um teste que tentei fazer com as minhas peças⁶⁹, num exercício, por vezes, complicado mas bastante útil, o de incluir a informação fundamental num tempo curto pré-definido.

1.2 O poder e a qualidade do som

A rádio tem uma vantagem relativamente à imprensa, a de ter os próprios intervenientes de viva voz, “que interpretam a palavra dita pelo jornalista” [Canavilhas, 2001: 4], o que descreve, por si só, o estado emocional do entrevistado, dando “a cor das palavras” [*idem*: 6]. Uma questão que exige do jornalista um talento especial, o de saber aproveitar esse poder do som da melhor forma possível, usando o texto para legendar de forma construtiva os depoimentos e o ambiente que tem ao seu dispor.

Uma dúvida que por vezes se coloca, cuja fronteira é ténue, é onde acaba o som e começa o simples ruído. Isto porque, por vários factores, nomeadamente pela inevitabilidade do tempo, há uma gravação forte de sons por telefone ou em condições técnicas rudimentares, o que pode tornar a qualidade duvidosa. Em muitas situações,

⁶⁶ Textos lidos pelos jornalistas, numa antecipação dos sons emitidos.

⁶⁷ A entrevista de Cavaco Silva à CNN, no contexto da viagem do Presidente da República aos Estados Unidos, ou a tomada de posse do novo Governo Regional são alguns exemplos. Na versão digital deste relatório, consta a peça sobre este último acontecimento, enquanto o respectivo esqueleto está no anexo 3 da versão escrita.

⁶⁸ Os dois conteúdos podem ser encontrados na versão digital deste relatório, enquanto os respectivos textos estão no anexo 3 da versão escrita.

⁶⁹ No anexo 2, está a listagem das peças efectuadas neste e no turno da manhã 1.

pude observar a decisão difícil e imediata de colocar ou não um som no ar, ponderando o responsável até que ponto ele é essencial para a informação que se transmite e até que ponto é audível e compreensível para ser emitido.

Uma situação que me fez alguma confusão foi não haver o hábito de tratamento mínimo dos sons por parte dos técnicos na Antena 1. Conforme são gravados e cortados, é assim que frequentemente passam no ar. Em muitos momentos, quando o som está pronto pouco antes de ir para o ar, é normal que o constrangimento do tempo não permita essa acção, mas quer na sua posterior utilização, quer em sons que são gravados antecipadamente, também não é hábito passarem pelas mãos de um técnico. O tratamento sonoplástico resume-se essencialmente aos trabalhos mais profundos, nomeadamente reportagens de grande ou média dimensão.

1.3 Técnica vs. conteúdo: a internet e o *background* informativo

Seja nas ferramentas de pesquisa, na troca de informação ou na procura de contactos ou fontes, “o recurso à internet passou a fazer parte indissociável das rotinas dos jornalistas” [Canavilhas, 2004: 2]. Perante esta mudança radical, impunha-se “o domínio de novas competências narrativas, linguísticas, iconográficas e estéticas”, dotando os jornalistas de “conhecimentos teóricos e práticos directamente ligados aquelas que são as características fundamentais do jornalismo na Web” [*idem*, 2001: 4]. Esta formulação aplica-se em destaque aos webjornalistas⁷⁰, mas também a qualquer jornalista em geral, com necessidade básica de domínio das principais ferramentas da internet.

Independentemente da sua melhor ou pior formação em webjornalismo, importa também que não haja tendência para um excessivo predomínio da vertente técnica. Assim, confirmei ao longo do estágio, em particular nos turnos informativos generalistas, a importância evidente, mas por vezes esquecida, de aos conhecimentos técnicos se associar um bom nível de cultura geral e conhecimento humanista e, dentro dos constrangimentos temporais, uma preparação eficiente de cada tarefa. Só assim é possível que os assuntos sejam tratados com cuidado e rigor e que a informação seja

⁷⁰ De acordo com Canavilhas, o webjornalismo corresponde a uma fase avançada do jornalismo online, em que “as notícias passam a ser produzidas com recurso a uma linguagem constituída por palavras, sons, vídeos, infografias e hiperligações, tudo combinado para que o utilizador possa escolher o seu próprio percurso de leitura [Canavilhas, 2006: 2].

credível e de confiança para o ouvinte. Logo, a acção jornalística em rádio deve aproximar-se do conjunto de competências que Helder Bastos propõe para os webjornalistas: “assegurar à partida um equilíbrio saudável entre conhecimentos de ordem teórica, aptidões jornalísticas (clássicas e novas) e proficiência técnica” [2005: 9], para não correr o risco referido por Helena Esteves de a rádio ficar “desumanizada”.

1.4 A importância da reportagem

Se a proliferação e o mais fácil acesso à informação na internet trouxeram novos desenvolvimentos ao jornalismo, não podem ser inibidores da reportagem, da observação jornalística no terreno. Como refere Bettina Boxall, vencedora de um Pulitzer em 2009⁷¹, “a internet é uma grande ajuda (...), tornou qualquer pesquisa mais rápida, simples e rica. Mas não pode substituir as entrevistas, estar no local dos acontecimentos ou a construção jornalística” [*in* Downie Jr. & Schudson, 2009: 13].

Esse esforço de aposta na reportagem, de marcar presença nos locais onde a realidade acontece, foi uma preocupação que senti no planeamento dos dois turnos com os quais colaborei. Contudo, em particular na tarde, onde o fluxo de acontecimentos é previsivelmente mais forte, houve necessidade de fazer escolhas. Por um lado, porque não havia naturalmente meios humanos suficientes para fazer a cobertura no terreno de todos os acontecimentos importantes. Por outro, porque é sempre importante preservar o necessário equilíbrio entre o exterior e a redacção, onde há obviamente uma exigência mínima de jornalistas.

Quando não foi possível sair em reportagem, ou em situações em que isso não se justificava, verificou-se um outro cuidado, o de ponderar se o depoimento telefónico seria apropriado. Por exemplo, houve uma situação em que decorreu uma manifestação de trabalhadores e que, não estando presente nenhum representante da rádio pública, tomou-se a opção de não falar posteriormente com o sindicato responsável. Em causa, esteve a questão deontológica⁷² de não permitir a passagem de uma mensagem de propaganda, com dados concretos, sem que a informação pudesse ser confirmada e descrita pelo jornalista no local.

⁷¹ Prémio Pulitzer para reportagem explicativa (“Explanatory reporting” no original), juntamente com Julia Cart, pelo trabalho efectuado sobre o aumento de fogos florestais na Califórnia.

⁷² O ponto 1 do código deontológico refere que “os factos devem ser comprovados”, algo que o jornalista não poderia fazer, sendo apenas uma declaração opinativa.

Outro aspecto que merece ponderação é o uso de sons das agências noticiosas. Em condições normais, privilegia-se a tentativa de efectuar um contacto próprio com os intervenientes, para que a entrevista, a declaração e o som sejam trabalhados pelo jornalista da Antena 1. No caso de isso não ser possível, analisa-se a importância do som e, quando ele é emitido, cita-se por sistema a respectiva fonte noticiosa.

No meu estágio tive a possibilidade de acompanhar um repórter numa manifestação de estudantes. Pude verificar a forma como cobriu parte do percurso, tentando medir o pulso do movimento, e entrevistou um dos responsáveis pela mobilização. Por sua vez, foi-me dada hipótese de fazer uma espécie de *vox pop*⁷³ entre os manifestantes, com os melhores sons a serem extraídos para a peça do jornalista⁷⁴. Nesse processo, procurei auscultar as principais razões da contestação, entrevistando pessoas de diferentes proveniências geográficas e confrontando os manifestantes com uma outra marcha decorrida dias antes.

Numa outra situação, fruto da progressiva autonomia que fui ganhando, fiquei ainda responsável pelo acompanhamento do processo de venda da Tóbis, concluído só em 2012. Nos dias das assembleias-gerais, estive na sede da empresa, apesar de não poder estar presente nas reuniões, visto que só era permitida a entrada dos seus accionistas. Pude, contudo, verificar o adiamento sucessivo da resolução do problema da empresa, observar o incómodo dos trabalhadores com a situação instável e entrevistar o delegado sindical (o representante do Estado não prestou declarações). Depois, os sons foram trabalhados na redacção com o acompanhamento do editor⁷⁵.

Em qualquer das situações, pude confirmar a importância do olhar do jornalista, de estar presente para relatar os factos e não o fazer por intermédio de terceiros. Uma situação que deve merecer particular preocupação com a evolução da internet, atendendo a que “no *online* há grande propagação de opinião, mas muito pouca reportagem” e que os “recursos para jornalismo estão a desaparecer dos meios

⁷³ Entrevistas a cidadãos anónimos (restritas ou não a um determinado extracto da população, consoante o objectivo) sobre um determinado tema. No caso, o objectivo era entrevistar apenas os manifestantes.

⁷⁴ No anexo 3 da versão escrita deste relatório, pode encontrar-se o esqueleto da peça, tal e qual efectuei para o meu portfólio, enquanto a peça propriamente dita está na versão digital. Dois dos três sons de *voz pop* presentes no meu conteúdo foram usados no ar pelo repórter Miguel Videira.

⁷⁵ Na versão digital deste relatório, encontra-se uma peça resultante de uma dessas reportagens, enquanto o respectivo esqueleto está no anexo 3 da versão escrita.

tradicionais de forma mais rápida do que estão a ser desenvolvidos nos novos *media*” [Starr, 2009: 1].

2. A experiencia no turno da manhã 1;

2.1 O planeamento, a falta de meios e as limitações na recolha de sons

Na manhã 1, encontrei um turno completamente diferente do que havia observado na tarde. Com a missão de preparar e concretizar os noticiários entre as 7h e as 10h, o frenesim de actualidade é bastante menor, sem haver tanto foco de reportagem no terreno, nem alinhamentos tão imprevisíveis.

Assim sendo, grande parte da informação transmitida divide-se entre a continuidade das notícias mais importantes provenientes da madrugada, eventualmente com novos ângulos ou sons, a exploração radiofónica de alguns assuntos dos jornais⁷⁶ e um certo serviço de agenda, com exposição dos principais acontecimentos desse dia. Como tal, existe um planeamento mais consistente, dividido em duas reuniões diárias. A primeira decorre antes do turno, por volta das 5:30h, e serve essencialmente para a preparação do próprio dia, com um espaço de discussão de conteúdos mais aberto, dadas as menores imposições da actualidade. A segunda surge depois, por volta das 11h, e é essencialmente dirigida para o futuro, seja a curto ou médio prazo, com proposta de assuntos e discussão de abordagens e enquadramentos.

Contudo, há inevitavelmente alguma limitação na produção de conteúdos, fruto de alguma falta de meios humanos. Isso sentiu-se particularmente no mês de Dezembro, em que as férias de alguns jornalistas tornaram a equipa mais reduzida, impedindo algumas reportagens. Uma situação que se teme seja agravada com a dispensa de pessoal em curso e com os cortes no serviço público de audiovisual anteriormente referidos. Contudo, importa destacar que muito ainda está em aberto e que não há, para já, informações concretas sobre qual será o futuro do serviço a nível radiofónico. Por outro lado, perante essa falta de meios, a cobertura de algumas questões natalícias, sem

⁷⁶ Pela sua importância, esta questão será abordada mais em pormenor no último ponto deste sub-capítulo.

um ângulo de novidade aparente, não foi consensual na equipa, havendo quem achasse que não passavam de *fait-divers*. Contudo, acabaram por ter o seu espaço em antena.

Tal como na tarde, encontrei aqui uma equipa muito aberta às minhas sugestões e contributos. Por exemplo, ofereci-me para preparar antecipadamente um destaque ao lançamento do livro de valter hugo mãe (proposto pelo turno), entrevistando-o e preparando sons para os noticiários do respectivo dia⁷⁷. Noutra situação, no contexto da recomendação do primeiro-ministro sobre a emigração de docentes, a equipa da manhã 1 procurava algum professor que estivesse a pensar seriamente em sair do país. Como eu conhecia alguém nessas condições, acabei por ficar responsável por essa tarefa, realizando uma breve entrevista e construindo uma peça que seria analisada por alguém da equipa, com a única limitação de não poder dar voz. Neste tipo de situações, houve sempre o cuidado de, no momento em que foi emitida a peça, o meu nome ser citado juntamente com o jornalista responsável pela locução⁷⁸.

Outra das maiores limitações do turno da manhã 1 é, indiscutivelmente, a dificuldade de obter sons. Só muito excepcionalmente se consegue uma declaração antes das 8 da manhã, o que reforça a importância de uma maior planificação para os primeiros noticiários do turno. Como, para além da observação, a minha tarefa nos turnos centrou-se muito em entrevistas por telefone e na respectiva preparação dos sons, as minhas funções eram diariamente muito irregulares, com uma acção mais passiva nas primeiras horas e muito activa nas últimas. Houve excepções, como no dia em que fiquei responsável por acompanhar a emissão especial dedicada à apresentação do programa de Guimarães 2012, escolhendo *soundbytes*⁷⁹ importantes para os noticiários.⁸⁰

Por outro lado, nos contactos mais institucionais, que implicam passagem por um assessor, os constrangimentos burocráticos foram agravados. Se, pela experiência que tive, o contacto telefónico com ministros ou secretários de Estado não é aparentemente fácil, muito mais difícil se torna neste horário matinal. Neste tipo de contactos, era frequente ser requerido um pedido formal por *e-mail*. Se o correio electrónico é muito útil pelo seu potencial de troca de informação, nomeadamente por ser rápido, versátil e confidencial [Canavilhas, 2004: 7, 8], aqui surgia muitas vezes

⁷⁷ Ver peça na versão digital e o respectivo esqueleto no anexo 3 da versão escrita deste relatório.

⁷⁸ A peça com a minha voz consta da versão digital deste relatório, enquanto o respectivo esqueleto está no anexo 3 da versão escrita.

⁷⁹ Sons particularmente marcantes.

⁸⁰ Aproveitando a ocasião, construí depois uma peça alargada sobre esta iniciativa. O conteúdo radiofónico está na versão digital e o respectivo esqueleto no anexo 3 da versão escrita deste relatório.

com uma espécie de bloqueio de comunicação. Assim, foi frequente acontecer não haver resposta ao *e-mail* ou esta só surgir já após o fim do turno. Esta última hipótese realça a importância de uma transição de turnos eficaz, para que a informação que fica pendente num turno possa ser utilizada no turno seguinte.

2.2 Benefícios e constrangimentos da pesquisa na internet

Apesar do planeamento e dos conteúdos previamente elaborados, muito do turno da manhã 1 acaba por viver naturalmente da concretização no próprio dia. O que exige, na ausência de reportagens no terreno ou sons telefónicos, um esforço de maior busca de informação e, em plena era digital, de aproveitamento mais forte dos recursos da internet. Para além das naturais informações veiculadas pelas agências noticiosas, são usados frequentemente dados de *sites*, extraídos contactos úteis ou, em determinadas circunstâncias específicas, filtrados alguns sons. Trata-se de um processo que se massificou e que é hoje “transversal a todos os órgãos de comunicação e a todas as gerações de profissionais”, passando “a fazer parte indissociável das rotinas dos jornalistas” [Canavilhas, 2004: 2]⁸¹.

Os benefícios da internet são hoje evidentes para o jornalismo. Assim, é possível a qualquer profissional “pesquisar de forma mais ampla, actualizar o seu trabalho repetidamente, segui-lo mais profundamente e verifica-lo mais facilmente” [Downie Jr. & Schudson, 2009: 12]. As vantagens espalham-se em diversos campos, seja na diminuição drástica do tempo que demora uma pesquisa, na presença de informação altamente especializada numa esfera de domínio público, na existência de uma memória vasta que facilita a construção de notícias mais ricas e contextualizadas, na rapidez com que se acede ao contacto de um determinado interlocutor ou no alcance de matérias noticiáveis. Resumindo, usando as palavras de João Canavilhas, “o jornalista passou a apoiar-se na web para produzir informação explicada, elaborada e variada, maneando com celeridade e segurança uma quantidade de informação muito superior à que pode ser oferecida por um meio convencional” [2004: 3].

⁸¹ Segundo um estudo referido por Canavilhas no mesmo artigo, efectuado entre Janeiro e Setembro de 2004, todos os jornalistas de rádio inquiridos usavam a internet como instrumento de trabalho. Embora não tenha dados actuais, é previsível que, com o *boom* das redes sociais, o impacto da internet não seja hoje menor.

Contudo, importa analisar esta potencialidade com sentido crítico, percebendo que a “utopia da Internet como o novo *el dorado* não passa, para já, de uma ilusão” [Bastos, 2005: 4]. Um dos aspectos a merecer mais cuidado é a existência de informação pouco fiável, com pouco critério, baseada em simples rumores ou sem o cruzamento de dados que é ponto fundamental da deontologia jornalística. Por outro lado, há que ter a percepção que certa descrição informativa de cidadãos, ainda que baseada na observação do terreno, pode estar distorcida por uma lógica de “propaganda de interesses diversos” [Starr, 2009: 6].

Assim, o jornalista tem de ser capaz de filtrar a informação e de a confirmar apropriadamente, seja qual for a fonte. No fundo, tem de ser o mediador do excesso de informação da actualidade, sendo que “esse papel de mediador é agora mais variado e complexo e cumpri-lo num mundo de ilimitados canais de comunicação é bem mais difícil” [Kovach & Rosenstiel, 2010: 172]. Um mediador que, segundo os mesmos autores, seja capaz de comprovar devidamente os factos, investigar e ser testemunha de ocorrências, apresentar a informação com o devido contexto, integrar convenientemente o cidadão, agregar fontes mais diversas, abrir a discussão e que, no fundo, seja um modelo de credibilidade [fonte: *idem*: 175-181].

Na prática, muitas vezes as regras são subvertidas e não se tem o cuidado devido. Assim, assisti e fui actor principal de situações pontuais onde a informação não era devidamente confirmada, havendo o risco de erros ou imprecisões. Por exemplo, lembro-me de uma situação em que um valor económico era descrito como “biliões”. No entanto, resultou de uma tradução errada do inglês “billions”, que significa “milhares de milhão”. Como não confirmei esse dado, a informação acabou por ser erradamente transmitida, num equívoco que poderia ser evitado. Muitas vezes, os obstáculos temporais levam a que seja cometido este tipo de erros. O objectivo passa por conseguir conciliar o desafio noticioso com a regra deontológica que obriga a que a informação seja devidamente cruzada. Com a velocidade informativa avassaladora dos dias de hoje, não se trata de uma tarefa nada fácil.

2.3 O uso dos jornais, das rádios concorrentes e da blogosfera como pontos de partida

Apesar dos conteúdos agendados, a imprensa é fonte inicial de muita informação do turno da manhã 1. Aliás, antes da primeira reunião de planeamento, o editor e restantes jornalistas analisam os diários para proporem conteúdos para essa manhã. Contudo, a informação da imprensa não é usada de forma directa na Antena 1, sendo genericamente ponderada a actualidade e comprovados os factos⁸². Quando foi tomada a decisão de avançar com a informação, escolheu-se um ângulo, recolheram-se, se possível, declarações dos intervenientes, dando o tal brilho do som que a imprensa não dá, e, muitas vezes, explorou-se a notícia de uma forma mais profunda. Mas, como a ideia e a informação dos jornais são efectivamente uma base frequente, é pelo menos uma constatação parcial na estação do que aponta globalmente Starr, quando refere que “estudos de imprensa e jornalismo radiofónico mostraram repetidamente que os noticiários de rádio seguem a agenda definida pelos jornais, geralmente repetindo os mesmos aspectos, embora com menos profundidade” [2009: 1].

Apesar da imprensa ser usada apenas como ponto de partida e de forma cuidada, esta situação não é do agrado geral da redacção. Há uma sensibilidade que defende um trabalho mais forte de planeamento, de reflexão colectiva para abordar mais assuntos de forma autónoma. Contudo, num mês em que a equipa teve diversas baixas, por férias, fim-de-semana ou doença, seria difícil, com estes meios, haver um trabalho interventivo mais forte dos jornalistas. Aliás, estive para, no contexto da crise, fazer uma reportagem no primeiro dia de saldos, algo que acabou por não acontecer, dada a percepção de que poderia ser mais útil na redacção, num dia em que o turno esteve muito reduzido.

Neste turno, acaba também por haver um cuidado especial com a TSF. Assim, sempre que um jornalista está livre nesse período, fica responsável por escutar sucintamente os conteúdos dos noticiários da estação concorrente e os respectivos sons e ângulos de abordagem. Aparentemente, há muito mais um objectivo de comparação do que uma lógica seguidista. Todavia, é difícil, pela simples observação durante uns dias, tirar conclusões concretas sobre os efeitos noticiosos dessa escuta, nomeadamente de os enquadrar na questão da maior ou menor diversidade temática dos *media*.

⁸² Houve algumas vezes que se percebeu que a informação não era nova ou que o eixo da notícia era enganador e que, portanto, não fazia sentido explorá-la no ar.

Em contrapartida, o aumento do potencial interactivo trazido pela era digital ainda pouco ou nada se repercute na informação da rádio pública. Ao contrário da influência da imprensa, que, como se viu, é significativa, não observei grandes momentos em que existisse a colaboração de outros cidadãos no processo noticioso. O desafio que fica em aberto passa então por ir de encontro à referência metafórica de Kovach e Rosentiel que, com base no princípio defendido por Dan Gillmor, consideram que o “jornalismo tem de deixar de ser uma palestra para passar a ser um diálogo” [in 2010: 175].

Assim, a blogosfera e a internet em geral podem ser grandes veículos do processo jornalístico e, como tal, é interessante questionar a possível importância dos cidadãos e dos activistas online na produção e sugestão de matérias noticiosas. Segundo a recomendação de Downie Jr. e Schudson, “as organizações noticiosas devem rapidamente e de forma criativa envolver as suas audiências e os cidadãos em geral na pesquisa e análise de notícias e informação”. [2009: 95]. Ao mesmo tempo que, em sentido inverso, o cidadão deve encarar o processo informativo de forma mais reflectida e exigente. Uma forma de o fazer é questionar se o que consome se enquadra num certo espírito social e cívico, “em algo que pode melhorar as nossas vidas” [Kovach & Rosenstiel, 2010: 165].

3. As experiências paralelas

Para além dos três espaços por onde passei de forma mais sistemática (editoria de cultura e dois turnos), efectuei outras colaborações. Uma delas foi a propósito da emissão especial dedicada aos dez anos do Douro enquanto Património da Humanidade. Neste contexto, fiz uma breve entrevista a António Barreto, cujos sons passaram no ar no dia da efeméride.

A opção dos espaços por onde passei foi acertada entre mim e o orientador de estágio, o jornalista Jorge Correia, em reuniões que serviam para balanço do percurso anterior e discussão do futuro. Contudo, apesar de a editoria de cultura e os dois turnos terem sido escolhas do meu agrado, gostava também de ter passado pela editoria de desporto, pois é uma área onde tenho um considerável “à vontade” e que acompanho

com uma certa regularidade. Não havendo um quarto mês de estágio, que me permitisse também experimentar essa vertente de forma mais sistemática, propus-me acompanhar, num Domingo de Dezembro, a tarde desportiva da Antena 1. Seria uma forma de, pelo menos, ter um contacto mínimo com a editoria. Essa pequena participação permitiu-me verificar as grandes exigências de produção e técnica, com reportagem em mais de uma dezena de estádios e acompanhamento dos aspectos mais importantes das modalidades amadoras, o que impõe uma grande coordenação de meios e de interacção particularmente eficazes entre o estúdio e a *regie*⁸³. Em termos práticos, tive a hipótese de realizar duas tarefas simples: escolher e escrever entradas para as reacções à final do Mundial de Clubes de futebol e ao Portugal – Eslováquia em futsal.

Finalmente, no meu último dia do turno da manhã 1 e do estágio, desempenhei uma tarefa bastante distinta. O programa matinal da Antena 1 tem, nos últimos minutos (perto das 11h), uma rubrica chamada *Sons da Manhã*. Trata-se de uma espécie de resumo de 2 minutos dos principais sons que marcaram a emissão da manhã, essencialmente na informação, mas incluindo também outros pequenos aspectos da programação. Essa tarefa deveria ser feita pelo jornalista responsável pelos noticiários matinais da Antena 3, só que este ficou doente, o que obrigou a uma reestruturação interna da informação. Assim sendo, propuseram-me este novo desafio, o que aceitei com determinação. O resultado final não foi perfeito, pois considero que pequenos detalhes precisavam de ser acertados⁸⁴. Mas valeu por mais uma experiência diferente, culminada com uma presença em estúdio, em que, no ar, antes da emissão dos *Sons da manhã*, o jornalista José Guerreiro fez um elogio ao meu estágio, seguido de brevíssimas palavras de despedida da minha parte.

⁸³ Antecâmara do estúdio radiofónico, onde decorrem os principais preparativos técnicos.

⁸⁴ Como não tem um esqueleto facilmente representável, esta tarefa constará apenas do anexo digital deste relatório.

Conclusão

O estágio que desenvolvi entre Outubro e Dezembro de 2011 marcou, juntamente com este relatório e a consequente defesa, o fim do Mestrado em Jornalismo da Universidade Nova de Lisboa. Como a minha formação de base é em Matemática, uma área completamente diferente, este estágio revestiu-se de uma importância acrescida, visto que foi o primeiro contacto directo num meio de comunicação profissional.

Anteriormente, já tinha a interessante experiência na RUC, mas o contexto, os objectivos e o alcance são completamente distintos. Na Antena1, pude lidar de perto com as particulares responsabilidades noticiosas de um meio generalista, com os desafios e constrangimentos do tempo e com a velocidade informativa do presente.

O meu estágio viveu da intersecção entre a observação e a participação, entre a rectguarda e a produção efectiva para antena, entre a aprendizagem e a demonstração de capacidades para o jornalismo radiofónico. Assim, por um lado, pude, de forma dedicada e atenta, aprender com jornalistas experientes e talentosos, com valências e estilos muito distintos. Por outro, apesar de não poder dar voz, o que se tornou numa limitação evidente a uma colaboração mais activa em algumas tarefas, fiz coisas muito distintas: realizei entrevistas telefónicas ou presenciais, acompanhei discursos, cerimónias protocolares ou emissões especiais, segui iniciativas culturais no terreno, editei sons, efectuei traduções, escrevi entradas ou criei peças sem voz.

Em termos pessoais, pude construir um portfólio consistente e representativo do meu percurso durante o estágio, com a importância de ter sido realizado num departamento de informação credível no contexto nacional. De acordo com as apreciações positivas que fui recebendo dos vários editores e jornalistas que ouviram o meu trabalho, poderá ser importante em termos de currículo e como cartão-de-visita para futuros recrutamentos no suporte radiofónico, nomeadamente na área cultural.

Outra vantagem que julgo ter adquirido ao longo do estágio foi uma redobrada atenção para algumas questões, algo que preservarei no futuro. O cuidado com as fontes e com a confirmação da informação, nomeadamente na internet, a preocupação com o material técnico, para diminuir ao máximo pequenas imprecisões na captação de som,

um espírito alargado e crítico perante os vários campos de informação, a importância da reportagem para a observação e descrição mais realista e profunda da realidade ou a capacidade de síntese na realização de peças radiofónicas eram algumas preocupações que já tinha, mas que reforcei durante estes três meses. No fundo, ganhei uma preparação mais consistente para abordar futuras experiências profissionais na área do jornalismo.

Ao longo do estágio, o aspecto que mais lamento é não ter tido uma presença mais assídua no terreno, no âmbito da reportagem generalista. Acabou por ser uma opção consciente e acertada dia-a-dia com os editores. Por um lado, a minha presença no terreno permitiria um contacto com a realidade que a redacção não permite. Por outro, exceptuando situações pontuais, como foi o *vox pop* na manifestação estudantil, a minha presença seria essencialmente de observação e acompanhamento do papel do jornalista, logo inibidora de uma colaboração mais activa com o turno. Contudo, apesar das vantagens práticas de ficar na redacção, como um teste às minhas capacidades de cumprir tarefas muito distintas, gostava de ter sentido um pouco mais o pulsar do exterior.

De uma forma mais geral, o estágio permitiu-me fazer uma observação algo consistente do fenómeno informativo na rádio pública, essencialmente na área cultural. Pude confrontar a experiência prática com alguns princípios teóricos e questionar algumas impressões que tinha antes do estágio. Assim, este relatório tentou ser também, com o pouco tempo que dispunha⁸⁵, uma reflexão sobre algumas problemáticas que surgiram ao longo desses três meses.

Na rádio pública, fiquei agradavelmente surpreendido com a abertura que há para realizar conteúdos culturais muito diferentes, que fogem de uma lógica simplesmente mediática. Do mesmo modo que não há, ao nível da informação, grandes cedências às pressões das grandes editoras, distribuidoras e programadoras. A situação é aparentemente bastante diferente na programação musical, muito fechada no formato de *playlists* e que, no caso da Antena 1, não presta a devida divulgação alargada da música portuguesa.

⁸⁵ Dispus de apenas três meses para fazer este relatório, um tempo manifestamente curto para uma reflexão sólida, cuidada e ponderada, que faça jus aos elevados créditos da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, instituição onde decorreu este Mestrado.

Contudo, apesar da abertura que existe, há uma desigualdade geográfica forte na informação cultural. É certo que nos grandes centros urbanos, como Lisboa ou Porto, haverá inevitavelmente mais iniciativas, mas muito do que acontece no resto do país não tem a cobertura devida, o que infringe uma obrigação natural da rádio pública, de prestar um acompanhamento cultural alargado. A desigualdade ocorre também ao nível temático, com áreas como a arquitectura, as artes plásticas e principalmente o teatro, pela sua importância histórica, a terem uma cobertura residual quando comparadas com a música ou o cinema.

Outro dado que ficou claro é que, se há uma aposta forte na agenda e numa divulgação mais aprofundada de iniciativas culturais, há pouco espaço para crítica, entrevista e reportagem. Não são muitos os casos em que jornalistas marcam presença no local para fazer a cobertura e ouvir os protagonistas depois ou durante o acontecimento

Vários dos pontos anteriores mostram, de forma implícita, a falta de meios que há na cultura na rádio pública. Não há uma editora em exclusivo a coordenar e pensar a área, os centros regionais têm poucos jornalistas e mesmo em Lisboa há poucos repórteres a dedicar-se a questões culturais. Não tenho dados para confirmar se, como refere Ricardo Alexandre, a utilização de recursos é pouco eficaz e não há o planeamento devido. Mas que a questão dos meios é um constrangimento a uma cobertura mais alargada e profunda, isso parece-me inquestionável. Numa altura em que a rádio pública passa por um período de instabilidade, há o risco de esse défice ser agravado no futuro, especialmente atendendo à constatação de Helena Esteves de que “a cultura não é uma prioridade”.

Generalizando, importa que o serviço público de rádio não perca preponderância. Como refere o ponto dez das notas prévias do Contrato de Concessão do Serviço Público de Radiodifusão Sonora, “o imperativo constitucional da existência de um serviço público de rádio e de televisão, enquanto garantia da defesa da liberdade e do pluralismo da comunicação social, implica para o Estado o dever, incontornável, de criar as condições e os meios necessários à prossecução daqueles objectivos constitucionais pelos respectivos operadores.”. Com os cortes, os despedimentos e um desinvestimento no sector, fica a dúvida até que ponto o Estado não estará a abdicar da sua responsabilidade. Até porque, pegando no exemplo americano referido por Starr, “a rádio pública teve um particular sucesso... numa altura em que os meios comerciais

abandonaram quase todas as notícias principais, a National Public Radio tornou-se o último refúgio de reportagem original no ar” [2009: 7,8]. Mas, em Portugal, como poderá a rádio pública fazê-lo se não tiver meios humanos e fundos para tal?

Concluindo, o estágio foi uma experiência bastante enriquecedora, não só por aquilo que me permitiu aprender e demonstrar, mas também pela análise e reflexão que me permitiu fazer. Estou hoje certo que a carreira jornalística será algo que quero abraçar. Apesar do interesse que tenho pela imprensa e de não descurar a televisão ou o online, áreas em que, contudo, não tenho formação especializada, será com especial prazer se puder juntar esse desejo à grande paixão que nutro pela rádio.

Como referem Kovach e Rosenstiel, “o trabalho do melhor jornalismo tende a ter uma assinatura subtil. É o produto de uma consciente e muito pessoal abordagem que grandes jornalistas tendem a trazer para a reportagem” [2010: 153]. Num período em que o mercado profissional está tão estrangulado, espero ter a oportunidade de começar a traçar o meu caminho, para um dia poder criar essa marca e método, referidos pelos autores, numa área tão estimulante e tão desafiadora das nossas capacidades, como é o jornalismo.

Bibliografia

Livros e artigos:

. BASTOS, Hélder (2005), *Ciberjornalismo: dos primórdios ao impasse*.

Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/bastos-helder-ciberjornalismo-dos-primordios-ao-impasse.pdf> (consultado em Março e Abril de 2012).

. BENJAMIN, Walter (1955), *A obra de arte na era da sua reprodutibilidade técnica*.

Disponível, numa versão traduzida para português, em <http://www.mariosantiago.net/Textos em PDF/A obra de arte na era da sua reprodutibilidade técnica.pdf> (consultado em Abril de 2012).

. CANAVILHAS, João (2001), *Webjornalismo. Considerações gerais sobre jornalismo na web*.

Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/canavilhas-joao-webjornal.pdf> (consultado em Março e Abril de 2012).

. CANAVILHAS, João (2004), *Os Jornalistas Portugueses e a Internet*.

Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/canavilhas-joao-jornalistas-portugueses-internet.pdf> (consultado em Março e Abril de 2012).

. CANAVILHAS, João (2006), *Do jornalismo online ao webjornalismo: formação para a mudança*.

Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/canavilhas-joao-jornalismo-online-webjornalismo.pdf> (consultado em Março e Abril de 2012).

. CARMO, Teresa Maia e (2006), *Evolução portuguesa do jornalismo cultural*

Disponível em http://janusonline.pt/2006/2006_2_2_9.html (consultado em Março e Abril de 2012).

. CORDEIRO, Paula (2004), *A Rádio em Portugal: um pouco de história e perspectivas de evolução*.

Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/cordeiro-paula-radio-portugal.pdf> (consultado em Abril de 2012).

. DOWNIE JR., Leonard & SCHUDSON, Michael (2009), *Reconstruction of American Journalism*.

Disponível em http://www.journalism.columbia.edu/system/documents/1/original/Reconstruction_of_Journalism.pdf (consultado em Fevereiro, Março e Abril de 2012).

. FARO, José Salvador (2007), *Nem tudo que reluz é ouro: contribuição para uma reflexão teórica sobre o jornalismo cultural*.

Disponível em http://sbpjour.kamotini.kinghost.net/sbpjour/admjor/arquivos/ind_j_s_faro.pdf (consultado em Março e Abril de 2012).

. KOVACH, Bill & ROSENSTIEL, Tom (2010), *Blur. How to know what's true in the age of information overload*. Nova Iorque. Bloomsbury USA.

. MELO, Isabelle Anchieta de (2010), *Jornalismo Cultural: Pelo encontro da clareza do jornalismo com a densidade e complexidade da cultura*.

Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/melo-isabelle-jornalismo-cultural.pdf> (consultado em Março e Abril de 2012).

. PACHECO, Marta (2010), *A rádio na Internet: Do “on air” para o “online”. Estudo de caso do Serviço Público e o caminho para o futuro*. Lisboa. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas de Universidade Nova de Lisboa.

. SILVA, Dora Santos (2009), *Tendências do Jornalismo Cultural em Portugal*.

Disponível em http://conferencias.ulusofona.pt/index.php/sopcom_iberico/sopcom_iberico09/paper/viewFile/434/432 (consultado em Março e Abril de 2012).

. SIQUEIRA, Denise & SIQUEIRA, Euler (2007), *A cultura no jornalismo cultural*.

Disponível em [http://ppgcomufjf.bem-vindo.net/lumina/index.php?journal=edicao&page=article&op=view&path\[\]=5](http://ppgcomufjf.bem-vindo.net/lumina/index.php?journal=edicao&page=article&op=view&path[]=5)
(consultado em Março e Abril de 2012).

. STARR, Paul (2009), *Goodbye to the age of the newspapers (hello to a new era of corruption)*.

Disponível em http://www.princeton.edu/~starr/articles/articles09/Starr_Newspapers_3-4-09.pdf
(consultado em Fevereiro, Março e Abril de 2012).

. VARGAS, Herom (2004), *Reflexões sobre o Jornalismo Cultural contemporâneo*.

Disponível em <http://www.jsfaro.net/p/jornalismo-cultural.html> (consultado em Março e Abril de 2012).

Outra documentação:

. Código Deontológico dos Jornalistas (1993), Sindicato dos Jornalistas.

. Contrato de Concessão do Serviço Público de Radiodifusão Sonora (1999)

Disponível em http://img.rtp.pt/wportal/grupo/governodasociedade/pdf/ccspradio_30junho1999.pdf
(consultado em Março e Abril de 2012)

. Declaração da Diversidade Cultural da UNESCO

Disponível em <http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001271/127160por.pdf>
(consultado em Abril de 2012)

. Lei da Rádio (2001)

Disponível em http://www.aacs.pt/legislacao/lei_4_2001.htm (consultado em Março de 2012)

. Lei da rádio (2010).
Disponível em <http://dre.pt/pdf1sdip/2010/12/24800/0590305918.pdf>
(consultado em Abril de 2012).

. Relatório do grupo de trabalho para a definição do conceito de serviço público de comunicação social (2011).
Disponível em http://static.publico.pt/docs/media/relatorioGTCS_141111.pdf
(consultado em Abril de 2012).

Fontes orais:

. Helena Esteves, editora de cultura da rádio pública. Entrevista realizada a 7 de Fevereiro de 2012.

. Ricardo Alexandre, antigo director-adjunto de informação da rádio pública portuguesa. Entrevista realizada a 7 de Fevereiro de 2012.

Sites:

. *blog Tarranego*: <http://tarrenego.blogspot.pt> (consultado em Abril de 2012).

. site da CPB: www.cpb.org (consultado em Abril de 2012).

. *site do Diário de Notícias*: www.dn.pt (consultado em Abril de 2012).

- site da NPR: www.npr.org (consultado em Abril de 2012).

. *site da RTP*: www.rtp.pt (consultado em Março e Abril de 2012).

. *site do jornal Sol*: www.sol.sapo.pt (consultado em Abril de 2012).

. *site* da TSF: www.tsf.pt (consultado em Março e Abril de 2012).

. *site* da revista *Visão*: www.visao.sapo.pt (consultado em Abril de 2012).

Anexo 1 – Listagem dos conteúdos de cultura

A tabela seguinte contém todas as iniciativas onde estive presente no mês de Outubro, com a indicação do título ou do responsável cultural, da principal área temática em que se insere, do tipo de cobertura, do papel que desempenhei (de forma autónoma ou como acompanhante de um outro repórter) e do conteúdo radiofónico que efectuei para o meu portfólio.

<i>Iniciativa cultural</i>	<i>Área Temática</i>	<i>Tipo de cobertura</i>	<i>Papel desempenhado</i>	<i>Conteúdo radiofónico</i>
<i>Romeu e Julieta</i>	Teatro	Ambiente	Acompanhante	Peça
<i>Agora Tinham Passado Dez Anos</i>	Teatro	Ambiente	Acompanhante	Peça
<i>Doc Lisboa</i>	Cinema	Conferência de imprensa	Acompanhante	Peça
Orquestra Geração	Música	Ambiente	Acompanhante	Foco de reportagem
Sara Tavares	Música	Entrevista	Autónomo	Entrevista editada
Dead Combo	Música	Entrevista	Autónomo	Entrevista editada
<i>Setúbal tem Alma Musical</i>	Música / Cinema	Entrevista	Autónomo	Peça sem voz off
<i>Isto Não é um Filme</i>	Cinema	Visionamento	Autónomo	Crónica
Exposição de Harun Farocki	Cinema	Ambiente	Autónomo	Peça sem voz off
<i>A Perspectiva das coisas</i>	Pintura	Ambiente	Acompanhante	Peça alargada
<i>Festival de BD da Amadora</i>	Literatura	Entrevista telefónica	Autónomo	Peça
<i>Festival Córtex</i>	Cinema	Entrevista	Autónomo	Peça

<i>Tempo</i>	Música	Ambiente	Autónomo	Peça sem voz <i>off</i>
Paus	Música	Entrevista	Autónomo	Entrevista editada
<i>Tempos Modernos</i>	Teatro	Entrevista telefónica	Autónomo	Peça
<i>10 Milhões e Picos</i>	Humor	Ambiente	Autónomo	Peça sem voz <i>off</i>
<i>Tróia</i>	Teatro	Entrevista	Autónomo	Peça
Exposição dedicada a Manuel da Fonseca	Desenho e Literatura	Ambiente	Autónomo	Peça sem voz <i>off</i>
<i>Flores Para Mim</i>	Teatro	Ambiente	Acompanhante	Peça
Moonspell e <i>Incrível Halloween</i>	Música e cinema	Entrevista	Autónomo	Entrevista editada e peça

Tal como é referido no corpo do relatório, continuei, nos meses de Novembro e Dezembro, a acompanhar alguns conteúdos culturais, mas sem realizar peças para o meu portfólio. Eis uma listagem dessas iniciativas:

- *Humor a la Sexta*, humor, entrevista telefónica;
- *Sustracción*, artes visuais, ambiente;
- *Festival Internacional de Marionetas de Sintra*, teatro, entrevista;
- *Café Mário*, teatro, entrevista telefónica;
- *Cálculo*, teatro, entrevista telefónica;
- *Eye Height*, música e *performance*, entrevista;
- *Festival Rotas e Rituais*, música e cinema, entrevista;
- *Bonecos de Santo Aleixo*, teatro, entrevista telefónica;
- *As Leis Fundamentais da Estupidez Humana*, teatro, entrevista telefónica;
- *Menino de Barro*, escultura, ambiente;
- *Project for a Perfect Garden*, pintura, ambiente;

- *Alphaville*, pintura, ambiente.
- *Caminhos do Cinema Português*, cinema, entrevista telefónica;

A excepção à regra anterior (a não realização de conteúdos radiofónicos no acompanhamento cultural de iniciativas em Novembro e Dezembro) deu-se nas peças que construí sem voz *off*. Eis a respectiva listagem:

- Exposição de Alexandre Simões, fotografia, ambiente;
- Rodrigo Leão, música, entrevista (cuja edição também consta do portfólio);
- Sérgio Godinho, música, entrevista (a edição não consta do portfólio porque a entrevista teve alguns problemas técnicos ao nível do som);
- *Festival Mexefest*, música, entrevista telefónica;
- *Musidanças*, música, entrevista telefónica;
- *I am in Love with a Sticker*, artes visuais, ambiente;
- *Festival de Passagem de Ano de Coimbra*, música, entrevista telefónica.

Anexo 2 – Listagem dos restantes conteúdos do portfólio

Eis, no âmbito do **turno da tarde**, a listagem dos conteúdos radiofónicos produzidos para o portfólio:

- Balanço da crise grega (3 de Novembro) - peça sem sons;
- Adiamento da Assembleia-geral da Tóbis de 7 de Novembro - peça com sons do delegado sindical, Tiago Silva;
- Abertura do inquérito da Ordem dos Advogados a Duarte Lima - peça com sons do respectivo Presidente do Conselho de Deontologia, Rui Santos;
- Tomada de posse do governo regional da Madeira (9 de Novembro) - peça com som ambiente e do presidente Alberto João Jardim;
- Relatório que relaciona o aumento do salário mínimo com o aumento do desemprego – peça com sons do dirigente da CGTP, Arménio Carlos;
- Transferência de 70 milhões de euros do Rendimento Social de Inserção para as pensões mais baixas - peça com sons do especialista em Segurança Social, Carlos Pereira da Silva
- Breve perfil de Mariano Rajoy, após a vitória eleitoral de 20 de Novembro (apenas, no início da peça, com o agradecimento do líder do PP espanhol);
- Manifestação nacional de estudantes do ensino superior (29 de Novembro) - peça com som ambiente, de estudantes que participaram na iniciativa e, em particular, de João Fonseca, da Associação de Estudantes da Faculdade de Letras de Lisboa, uma das estruturas promotoras da marcha.
- Síntese informativa de 2 de Dezembro¹

¹ A minha presença no turno da tarde prolongou-se por mais um dia.

Eis, no âmbito do **turno da manhã 1**, a listagem dos conteúdos radiofónicos produzidos para o portfólio:

- Balanço do ano europeu do voluntariado – peça com sons da coordenadora da iniciativa em Portugal, Elza Chambel;

- Anúncio do fim da venda de medicamentos comparticipados na Madeira – peça com sons do Presidente da Associação Nacional de Farmácias, João Cordeiro;

- Fim do transporte de doentes não urgentes por algumas corporações de bombeiros de Sintra e da Amadora – peça com sons do Presidente da Associação de Agualva-Cacém, Luís Silva, e do Director-Executivo da Liga dos Bombeiros, Rui Rama da Silva;

- Lançamento do romance *Quatro Tesouros* de valter hugo mãe – peça com sons do autor;

- Sugestão de transferência de algumas áreas do cinema para o Ministério da Economia – peça com sons do Secretário de Estado da Cultura, Francisco José Viegas, e do produtor cinematográfico Pedro Borges;

- Reunião entre o Ministro da Administração Interna, Miguel Macedo, e os representantes das forças de segurança, sobre o crime violento – peça com sons do Presidente do Observatório de Segurança, Criminalidade Organizada e Terrorismo, José Manuel Anes;

- Nova lei das rendas – peça com sons de Menezes Leitão (Associação Lisbonense de Proprietários) e de Romão Lavadinho (Associação de Inquilinos Lisbonenses).

- Apresentação oficial de Guimarães 2012 Capital Europeia da Cultura (14 de Dezembro) – peça alargada com sons do presidente da organização, João Serra, do programador das artes performativas, Marcos Barbosa, do programador de cinema, João Lopes, e do maestro da Fundação Orquestra Estúdio, Rui Massena,

- No contexto das palavras de Pedro Passos Coelho sobre a emigração, peça com um professor, José Monteiro, que pretende sair do país a curto prazo para encontrar melhores condições profissionais;

- Balanço do comércio no Natal – peça com sons do Presidente da Confederação do Comércio e Serviços, João Lopes;

Anexo 3 – Esqueleto de algumas peças

Nota: Como as peças foram feitas para um portfólio e não para irem directamente para o ar, alguns conteúdos contêm alguns pormenores mais factuais, tais como datas ou locais das iniciativas culturais, de forma a que isoladas tenham um contexto mais definido. Em condições normais, esses pormenores poderiam ser apresentados pelo editor no lançamento e, assim, já não precisavam de ser referidos na peça.

1. *Romeu e Julieta*

(Som da peça 1)

Romeu e Julieta... obra consagrada de Shakespeare, alvo de inúmeras adaptações ao cinema e ao teatro, sofre agora novas roupagens. A história de amor ardente e sofrimento mantém-se intacta, mas a exploração sonora ganha uma enorme preponderância.

(Som da peça 2)

RM1 João Garcia Miguel

As palavras são do encenador João Garcia Miguel. Embora haja a preocupação de manter um fio condutor na narrativa, assiste-se a uma desconstrução psicadélica do clássico, com referências inesperadas a Jim Morrison ou Jimi Hendrix.

RM2 João Garcia Miguel

(Som da peça 3)

João Garcia Miguel destaca ainda a improvisação dos actores e a importância da interactividade final com o público. O mundo terreno e aberto de *Romeu e Julieta* está presente no Espaço do Urso e dos Anjos, em Lisboa. Entre 5 e 30 de Outubro, de 4ª a Domingo, pelas 21h.

2. Agora Tinha Passado Dez Anos

(Som da peça 1)

Agora tinham passado 10 anos... é este o título da peça que marca o décimo aniversário do Teatro do Vestido. Uma obra que pega em ideias de trabalhos anteriores, mas adaptadas às circunstâncias actuais e com os olhos postos no futuro. A opinião é da directora da companhia, Joana Craveiro.

RM1 Joana Craveiro

(Som da peça 2)

RM2 Joana Craveiro

Estas cenas são depois finalizadas colectivamente, com liberdade criativa e de alcance complexo. O actor Gonçalo Alegria reconhece que o objectivo principal não é que a obra seja globalmente compreendida, mas abordar questões que digam algo às pessoas.

RM3 Gonçalo Alegria

A peça está em cena de 6 a 12 de Outubro no espaço Negócio da Galeria Zé dos Bois, em Lisboa, pelas 21 e 30. Com direito a brinde com o público.

(Som da peça 3)

3. Orquestra Geração

(Som 1)

RM1 Telmo Martins

Telmo Martins é um jovem contrabaixista da orquestra da Escola Miguel Torga, na Amadora, mas sabe bem o que quer e dar valor ao que tem. Instrumentos tão diferentes como um violino, uma tuba ou um xilofone, crianças de várias idades, professores de música, um maestro britânico... resultado: uma oportunidade inesquecível

(Som 2)

RM2 Helena Lima

As palavras são de Helena Lima, coordenadora das Orquestras Geração, um projecto do Conservatório Nacional criado em 2007, de impulso da música em escolas problemáticas do país. A oportunidade é a participação no Big Bang, festival de música contemporânea para crianças. Os ensaios decorrem com um estímulo e uma vivacidade permanentes.

RM3 Helena Lima

(Som do Paul)

A orquestra geração da Amadora está a trabalhar com o maestro Paul Griffiths e o desafio é o grande auditório do Centro Cultural de Belém. Uma grande experiência, na opinião da responsável da Fábrica das Artes e serviço educativo do CCB, Madalena Wallenstein.

RM4 Madalena Wallenstein

RM5 Paul Griffiths

(Tradução: Está a ser uma ótima experiência trabalhar nesta escola. Os jovens músicos estão a fazer um excelente trabalho, estão muito entusiasmados. E não têm barreiras para o estilo de música, seja clássica, funk, jazz, música brasileira, funaná, qualquer coisa que toquemos. É apenas música em geral e é realmente entusiasmante. É

um grande trabalho aqui na escola, as pessoas responsáveis têm sido incríveis, logo é fácil para mim porque estou a ter um grande apoio.)

(Som Brasileiro)

Com o talento pedagógico e a energia contagiante de Paul, os miúdos aprendem em poucos dias tudo o que o lhes é ensinado. Com muito ritmo e muito groove, a criação musical é fortemente livre e criativa, por vezes usando apenas movimentos do corpo.

(Sons corporais (palmas, voz e batimentos no peito))

RM6 Madalena Wallenstein

A ocasião de comprovar a partilha e cumplicidade artísticas é já hoje, para as escolas, e amanhã para as famílias. No CCB, a segunda edição do Big Bang tem previstas esculturas sonoras, exposições e diversas performances musicais. Destaque para o concerto de encerramento que conta com a participação de Carlos Bica e Mário Laginha e, claro, para a Orquestra Geração da Amadora.

(Som final)

4. A perspectiva das coisas

(Ryuichi Sakamoto – Still Life)

“A perspectiva das coisas: a natureza-morta na Europa nos séculos XIX e XX” é o título de uma das maiores exposições de pintura de sempre do Museu Gulbenkian. A lista de nomes impressiona: Van Gogh, Monet, Picasso, Dali ou Matisse, entre muitos outros, num conjunto de obras vindas de grandes museus mundiais, num processo longo, atribulado e com escolha difícil.

RM1 Neil Cox

(Tradução: Quando pensámos em fazer uma exposição sobre a categoria da natureza morta nos séculos XIX e XX, as coisas complicaram-se. Este período da arte europeia é um período em que as categorias, as práticas e os valores estão a ser adorados ou destruídos, desafiados ou partidos.)

As palavras são do comissário Neil Cox, professor da Universidade de Essex e curador da exposição. Há também lugar para obras portuguesas de Amadeu Souza-Cardoso, Eduardo Viana, Mario Eloy e Vieira da Silva. O ponto de partida é um quadro do francês Paul Cezanne, proveniente do Museu Metropolitano de Arte de Nova Iorque.

RM2 Neil Cox

(Tradução: Concordámos todos que deveríamos começar com uma peça apenas. Queríamos que as pessoas parassem, que comessem logo com uma reflexão. Porque escolhemos esta peça? Como o espaço temporal da exposição se estende entre 1840 e 1955, então esta peça está no meio, no meio de um problema.)

(Ryuichi Sakamoto – Still Life)

O desafio é para olhar e para reflectir, para desfrutar e apreciar. Uma exposição sem barreiras estéticas, passando pelo impressionismo, pelo cubismo ou pelo surrealismo. Em que os contrastes são essenciais e espelhados pelo discurso expressivo e apaixonado de Neil Cox.

RM3 Neil Cox

(Tradução: Esta é uma pintura maravilhosa de Claude Monet, um quadro de girassóis que deu inspiração a Van Gogh. E aqui temos precisamente um dos 3 Van Gogh da exposição, que mostra flores de castanheiros. Espero que consigam imediatamente ver o contraste entre estas pinturas.)

Da pintura para a escultura, a fotografia ou o cinema mudo, “A perspectiva das coisas” está em exibição de hoje até 8 de Janeiro do próximo ano, no Museu Gulbenkian, em Lisboa.

5. *Isto não é um Filme*

(Som do filme)

This is not a film, *Este não é um filme* é o título de um dos maiores destaques da edição deste ano do Doc Lisboa. Mais que desmontar a obra cinematográfica, esta mensagem é a denúncia irónica dos problemas com a justiça de Jafar Panahi. Pelo conteúdo incómodo dos seus filmes, o premiado cineasta iraniano foi condenado a 6 anos de prisão e impedido de elaborar qualquer conteúdo de cinema durante 20 anos.

(Som do filme)

Com o auxílio de um colega, *This is not a film* retrata um dia na vida de Panahi, com conversas telefónicas sobre a situação judicial, a tentativa frustrada de aceder a alguns conteúdos informativos pela internet ou o simples contacto com a iguana de estimação.

(Som do filme)

Pelo meio, o cineasta aproveita a câmara e pequenos artifícios cénicos para tentar concretizar sozinho o guião do seu último filme, alvo de censura. “Se eu pudesse contar um filme, então de que valia fazê-lo” manifesta o grito de revolta de Panahi.

(Som do filme)

This is not a film é dedicado à coragem dos cineastas iranianos e vai ser projectado no próximo Domingo, 23 de Outubro, pelas 18h, no Cinema S. Jorge.

6. Assembleia-geral da Tóbis

Ainda não foi desta que foi conhecido o futuro da Tóbis. A assembleia-geral de hoje foi mais uma vez adiada, pelo que o futuro da emblemática empresa cinematográfica continua incerto. Em causa, está o processo de venda da estrutura, envolvido no maior sigilo. Quem o diz é o delegado sindical Tiago Silva, que expõe a profunda preocupação dos trabalhadores.

RM1 Tiago Silva

Entretanto, já foram regularizados os salários de Setembro e Outubro, havendo dúvidas sobre que o que se vai passar em Novembro. Uma das razões para os trabalhadores exigirem que na próxima reunião de accionistas haja já novos donos e que estes estejam empenhados em resolver com urgência os problemas da empresa.

RM2 Tiago Silva

A nova Assembleia-Geral da Tóbis realiza-se no próximo dia 18 de Novembro. A última oportunidade legal para que sejam eleitos os novos corpos sociais da empresa.

7. Tomada de posse do governo-regional da Madeira

(som da tomada de posse)

Foi de forma atribulada que começou o discurso de tomada de posse de Alberto João Jardim, com o incidente protagonizado pelo deputado José Manuel Coelho. Quanto às palavras do líder regional, Jardim referiu que o seu partido é a Madeira e que não reconhece a intervenção da troika na região

RM1 Alberto João Jardim

Também não poderiam faltar as referências à zona franca. O fim iminente é, para Jardim, provavelmente um favor a outros espaços concorrentes europeus.

RM2 Alberto João Jardim

A questão da zona franca foi um dos aspectos que motivou a exigência de mais e melhor autonomia... na educação, no aproveitamento da costa, no ordenamento do território ou em termos fiscais. Para que não haja aquilo a que Jardim chama de uma lógica colonial.

RM3 Alberto João Jardim

Entre citações diversas, houve ainda críticas ferozes à constituição e a proposta de uma revolução contra o capitalismo selvagem e os lobbys de esquerda, num discurso de mais de uma hora.

8. Mariano Rajoy (breve perfil)

(Som de Rajoy)

Foi do coração que Mariano Rajoy agradeceu a vitória de ontem. Juntando persistência e aproveitamento da crise financeira e da consequente queda do PSOE, o líder da direita espanhola chega ao Palácio da Moncloa 8 anos após a eleição para presidente do PP.

Rajoy, 56 anos, galego, licenciado em Direito, teve o primeiro cargo político em 1983, como deputado na região natal. Mais tarde, nos primeiros anos da liderança de José Maria Aznar, torna-se uma das figuras de peso do partido. Com a subida dos populares ao poder, em 1996, é escolhido para chefiar o Ministério da Administração Pública, a que se seguiram as pastas da Educação, Cultura e Desporto, Interior e Presidência, para além do cargo de vice-primeiro ministro.

Quando, após 2 mandatos, Aznar anuncia que não se recandidata, Rajoy é escolhido para liderar o partido. As sondagens dão-lhe uma vitória confortável nas legislativas de 2004, mas a forma como o governo reagiu aos atentados terroristas de Madrid provoca um volte-face e a vitória dos socialistas. Repetiria a derrota 4 anos mais tarde, o que lhe valeu 7 longos anos de oposição, terminados virtualmente ontem. Com a folgada vitória de 20 de Novembro, Mariano Rajoy, conservador e político de carreira, sucede a Jose Luiz Zapatero como primeiro-ministro espanhol.

9. Manifestação de estudantes do ensino superior

(som da manif)

São algumas centenas, os estudantes que estão esta tarde em frente ao parlamento. A iniciativa partiu da Associação da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. João Fonseca, dirigente da estrutura, refere as dificuldades no acesso à acção social e a falta de financiamento como principais bandeiras da manifestação.

RM1 João Fonseca

Em relação aos cortes na acção social, uma estudante diz mesmo que há uma violação da constituição, porque está em causa a universalidade do ensino.

RM2 vox pop

Apesar do protesto partir de Lisboa, estiveram também presentes estudantes de outros pontos do país. É o caso de duas jovens da Guarda e do Porto, que contestam os efeitos dos cortes orçamentais no acesso ao emprego e a privatização do ensino.

RM3 *vox pop*

RM4 *vox pop*

A manifestação motivou um forte aparato policial, mas não há para já quaisquer incidentes a registar.

10. Síntese informativa

Holanda, Dinamarca e Alemanha são os adversários de Portugal no Euro 2012. A estreia da equipa nacional é no dia 9 de Junho, frente à selecção germânica, em Lviv, na Ucrânia. É também aí que Portugal defronta a Dinamarca, finalizando a 1ª fase em Kharkiv a 17. O Europeu abre no dia 8 em Varsóvia, com a Polónia a defrontar a Grécia do seleccionador português Fernando Santos.

São 5, as SCUT's cujo pagamento merece hoje acções de protesto das populações. A Plataforma anti-portagens do Algarve entregou hoje uma providência cautelar no tribunal administrativo de Loulé. É uma das últimas hipóteses para evitar a cobrança na Via do Infante, estando também previstas várias marchas lentas para o dia 7 de Dezembro. Um protesto que sucede hoje em outras auto-estradas portuguesas, da Beira Interior, Interior Norte, Beira Litoral e Beira Alta.

Mais segurança nas embarcações, com introdução mais alargada de um sistema de localização em caso de emergência... é esta a promessa do secretário de estado do mar, Manuel Pinto de Abreu. A notícia surge no mesmo dia em que foram resgatados com vida os 6 pescadores do Virgem do Sameiro. Mas Pinto de Abreu nega que se trate de uma consequência, assegurando que o reforço da segurança estava já previamente definido. Quem não se conforma com o sucedido é o Presidente da Associação Pró-maior segurança dos homens do mar, José Festas, que exige que sejam apuradas responsabilidades. Entretanto, os pescadores já tiveram a visita dos familiares e 5 deles estão agora a ter alta.

Um défice abaixo dos 5,9%... foi a garantia dada hoje pelo Secretário de Estado da Administração Pública. Hélder Rosalino assumiu que para estes dados foi fundamental a transferência dos fundos de pensões da banca para a segurança social. Isto num dia marcado também pelas palavras de outro secretário de estado. Luís Marques Guedes desdramatizou o aviso de ontem do primeiro-ministro Passos Coelho sobre a necessidade de novas medidas de austeridade em 2012, referindo que estas não são um dado adquirido.

11. valter hugo mãe

(Governo, banda de valter hugo mãe)

Um sinal de esperança para as crianças... este é um dos objectivos fundamentais do último romance de valter hugo mãe. *Quatro Tesouros* é um livro infantil, com ilustrações de Patrícia Furtado, e pretende afastar os mais novos do imaginário de terror dos adultos.

(RM1 valter hugo mãe)

Mais do que um livro, *Quatro Tesouros* é uma campanha solidária. A apresentação decorre hoje, pelas 11h, no Hospital S. João no Porto, para cuja ala de pediatria revertem os lucros das vendas. Uma homenagem à família e ao amor dos pais pelos filhos, fundamental nos momentos de maior fragilidade

(RM2 valter hugo mãe)

O imaginário próprio de valter hugo mãe, numa estória com fundo triste, mas contada de uma forma divertida e positiva.

12. Guimarães 2012

(Pat Metheny)

RM1 João Serra

O berço da nação portuguesa é no próximo ano o centro cultural do velho continente. A apresentação do programa geral de Guimarães 2012 decorreu hoje. Como refere o Presidente da organização, João Serra, a escolha da cidade minhota pode ser um bálsamo para a Europa, mas fica marcada pela crise e pelos cortes que afectam o orçamento do evento.

RM2 João Serra

No contexto da limitação financeira, o predomínio dos conteúdos nacionais e, em particular, da zona de Guimarães é uma consequência natural... mas é também uma aposta, como diz o programador das artes performativas, Marcos Barbosa. Uma aposta nas residências artísticas mais abertas e interactivas, para captar novos públicos.

RM3 Marcos Barbosa

No cinema, destaque para o projecto internacional, que vai contar com obras de Manuel de Oliveira, Víctor Erice ou Jean-Luc Godard. Mas o programador João Lopes alerta que o principal objectivo é que Guimarães seja um polo de diversidade cinematográfica.

RM4 João Lopes

(Pat Metheny)

A opção programática menos sonante chega também à música. O que não impede a presença de nomes como Ivan Lins, Pat Metheny, Wim Mertens ou a cantora jazz Dee Dee Bridgewater.

(Dee Dee Bridgewater)

A abertura oficial é a 21 de Janeiro com a performance de rua dos catalães La Fura dels Baus. Mas as festividades começam já hoje com o espectáculo da soprano Elisabete Matos, acompanhada pela Fundação Orquestra Estúdio. Uma orquestra jovem, multinacional e que terá um forte percurso de aprendizagem, conforme descreve o maestro Rui Massena.

RM5 Rui Massena

O espectáculo de hoje está já esgotado, num primeiro sinal de vitalidade da capital da cultura. Um sucesso aguardado e realçado pelo presidente João Serra, na linha do potencial turístico da cidade em 2012.

RM6 João Serra

É a terceira vez que uma cidade portuguesa é escolhida para capital europeia da cultura. Guimarães sucede assim a Lisboa 94 e ao Porto 2001.

13. Emigração docente

(RM1 José Monteiro)

José é um jovem professor de informática e reage com ironia à sugestão de Pedro Passos Coelho. A ironia é substituída pela determinação quando pondera sair do país em busca de uma experiência enriquecedora e de melhores condições de vida.

(RM2 José Monteiro)

A falta de estímulo a uma carreira digna é para o professor uma marca dos últimos governos. E, assim, aponta a emigração no ensino como uma solução praticamente inevitável.

(RM3 José Monteiro)

Decisão tomada, restará decidir o destino. Pelas oportunidades privilegiadas, os países de língua portuguesa são opções naturais.

(RM4 José Monteiro)

(Cesária Évora)